



RESERVADO

332.

B. N. L.



OBRAS
DE
J. B. DE A.-GARRETT.

V

(TERCEIRO DO THEATRO)

OBRAZ

DE

J. B. DE A. GARRETT.

V

(THEATRO DO THEATRO)



J.B. de Almeida Garrett.



THEATRO

DE

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

III.

FREI LUIZ DE SOUSA.



R. 32: 614

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

THEATRO

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

III

PARTE DE 2027.



5. 27. 674

LIBRO

NA IMPRENSA NACIONAL

1844

13th May 1892

que produzida em auditorio sem esculpidos e em nove for-
tativa
Se p não libidin a equitativa de posse, nem e dois in-
fante a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam,
o effeito foi maior do que nunca se atrevessem a presen-
na mais sanguinarias esperanças do escultor mais segun-
de si e do seu publico.
A imprensa fez echo ao favorável juizo do Conserva-
torio: e o drama teve a honra de começar a ser
demstrado do publico antes ainda de lhe ser appren-
tado.
Foi isso causa de lhe pedir, e o auctor fazer com
tanto gosto, e com tanta lealdade e integridade
uma familia que presa como era e a qual o presen-
sencia e estrela amada — não se, nem tanto, as volu-
ões de algum contrapontista, mas muito mais as de

Não havia a minima tenção de intregar nunca á scena
Frei Luiz de Sousa, nem tam cedo á imprensa, quando
se acabou de compor nos fins do hynverno passado. Re-
solveu porém o auctor appresentá-lo ao Conservatorio, com
a memoria que adiante vai transcripta, em testemunho de
consideração por aquelle estabelecimento que fundára.

Lida a memoria em conferencia, segundo o costume
academico, e deposta na mesa com o drama, foram geraes
as instancias para que este se lesse tambem. O auctor não
se fez muito rogar, porque bem desejava observar o effeito

que produziria em auditorio tam escolhido a sua nova tentativa.

Se o não illudiu a cegueira de poeta, nem o quiz enganar a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam, o effeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevê-lo as mais sanguineas esperanças do escriptor mais seguro de si e do seu público.

A imprensa fez echo ao favoravel juizo do Conservatorio; e o drama teve a boa estrea de começar a ser bemquisto do público antes ainda de lhe ser appresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o auctor fazer com muito gôsto, outra leitura d'elle na sociedade íntima de uma familia que préza como sua e á qual o prendem de sincera e estreita amizade — não so, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de affeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras n'esta terra.

Em tudo e sempre — excepto n'uma coisa que não vem para aqui — se póde e deve ter mais fe nas mulheres que nos homens; em coisas d'arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o auctor começou a accreditar na sua obra como composição dramatica, pois até então ingenuamente a reputava mais um estudo para se examinar no gabinete, do que proprio quadró para se desinrolar na exposição pública da scena.

Resolveu-se alli logo, e na excitação do momento, representar o drama em um theatro particular. Distribuíram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, apesar de todas as difficuldades, subiu á scena na quinta do Pinheiro, a cujos amáveis donos não ha obsequio nem fineza que não deva o auctor e a peça.

O theatro é pequeno, mas accomoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na 'sociedade.' As lagrymas das senhoras e o applauso dos homens fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem siquer de cumprimento, o auctor pôde dizer que deve a mais appreciavel coroa litteraria que ainda recebeu.

Na tribuna e no fóro, nos theatros e nas academias, nas assembleas do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe teem cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhan tira a inveja; que, em quanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos piquenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que impunha logo a villeza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdoam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? É; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor de

Frei Luiz de Sousa avalia isso no que isso vale; e so pendura d'estoutras coroas no templo singelo da sua memoria, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança d'aquella noite de satisfação tam pura, se escrevem aqui os nomes dos amaveis artistas que verdadeiramente foram os que realizaram e deram vida ás vagas concepções que o poeta esboçára n'este drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo:

Ex. Srs. D. Emilia Kruz-de-Azevedo. . . *Magdalena.*

D. Maria da Conceição de Sa. . . *Maria.*

Joaquim-Jose de Azevedo *Manuel-de-Sousa.*

Antonio Pereira-da-Cunha. . . . *Frei Jorge.*

Duarte Cardoso-de-Sa. *Romeiro.*

Antonio-Maria de Sousa-Lobo. *Prior.*

Duarte de Sa, Junior *Miranda.*

O auctor suppriu, no papel de *Telmo*, a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, coros, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos.

Faz gôsto recordar todas éstas circumstancias: é roubar uma pagina á monotona historia da sensaboria do tempo.

Lisboa 31 de Dezembro de 1843.

FREI LUIZ DE SOUSA

AO CONSERVATORIO REAL

Um exemplar de...

...

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

BRIEF-LINE DE SOUBA

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

AO CONSERVATORIO REAL.

SENHORES,

UM estrangeiro fez, ha pouco tempo, um romance da aventurosa vida de Frei Luiz de Sousa. Ha muito infeite de maravilhoso n'es-

* Foi lida ésta memoria em conferencia do Conservatorio Real de Lisboa em 6 de Maio de 1843.

se livro, que não sei se agrada aos estranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me impannar a singela belleza de tam interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima idea de censurar, nem siquer de julgar a obra a que me refiro, escripta em francez, como todos sabeis, pelo nosso consocio o Sr. Fernando Diniz.

É singular condicção dos mais bellos factos e dos mais bellos characteres que ornam os fastos portuguezes, serem tantos d'elles, quasi todos elles, de uma extrema e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa historia — ou da nossa tradição — que para aqui tanto vale — parecem mais talhados para se moldarem e vasarem na solemnidade severa e quasi statuaria da tragedia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez porêm menos profundamente impressivos, do drama novo — ou para se interlaçarem nos arabescos do moderno romance.

Ignéz de Castro, por exemplo, com ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda tractaram poetas. E por isso todos ficaram atraz de Camões, porque todos,

menos elle, o quizeram infeitar julgando dar-lhe mais interêsse. *

Na historia de Frei Luiz de Sousa — como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os imbargos da crítica moderna — a qual, ainda assim, tamsomente allegou mas não provou — n'essa historia, digo, ha toda a simplicidade de uma fábula tragica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essoutras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrymas constrictas o que seriam desesperadas âncias n'um pagão, accendendo até nas últimas trevas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida.

A catastrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: foram duas mortalhas que cahiram

* Profunda observação de Mr. Adamson, citando um crítico allemão, a respeito das causas por que, entre tantas tragedias de Ignez de Castro, portuguezas, castelhanas, francezas, inglezas e allemans, nenhuma tinha sahido verdadeiramente digna do assumpto. Vej. *Memoirs of Camoens by John Adamson.*

sôbre dous cadaveres vivos: — jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morreram para o mundo, mas vão esperar aopé da Cruz que Deus os chame quando for a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Caucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutre a espicassar-lhe no figado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos exquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavalheiro pun-donoroso, o amante delicado, o pae estreme-cido, o christão sincero e temente do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar âs carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes; a dor, a vergonha, os sustos de D. Magdalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração todas as piedades, sem o paralyzar de repente com uma compressão de horror que excede as fôrças do sentimento humano. A bella figura de Manuel de Sousa-Coutinho, aopé da angelica e resignada fôrma de D. Magdalena, amparando em seus braços interlaçados o innocente e mal-estreado fructo de seus fataes amores, formam natu-

ralmente um grupo, que se eu pudesse tomar nas mãos o scopro de Canova ou de Torwaldson — sei que o desintranhava de um cepo de marmore de Carrara com mais facilidade, e decerto com mais felicidade, do que tive em pôr o mesmo pensamento por escriptura nos tres actos do meu drama.

Ésta é uma verdadeira tragedia — se as pôde haver, e como so imagino que as possa haver sôbre factos e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse nome porque não quiz romper de vizeira com os estafermos respeitados dos seculos que, formados de peças que nem offendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, oucos, e postos ao canto da sala para onde ninguém vai de propósito — ainda teem com tudo a nossa veneração, ainda nos inclinâmos deante d'elles quando alli passâmos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramatica possivel para assumptos tam modernos, tambem não sou tam desabusado comtudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo solemne que as musas gregas deixaram consagrado á mais

sublime e difficil de todas as composições poeticas.

O que escrevi em prosa, podéra escrevê-lo em verso; — e o nosso verso sôlto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial do assumpto podia soffrer. E di-lo-hei porque é verdade — repugnava-me tambem pôr na bôcca de Frei Luiz de Sousa outro rhythmo que não fosse o da elegante prosa portugueza que elle, mais que ninguem, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modêlo; mas antes isso, do que fazer fallar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o titulo modesto de drama: so peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem reger, essa composição de fórma e indole nova; porque a minha, se na fórma desmerece da cathegoria, pela indole hade ficar pertencendo sempre ao antigo genero tragico.

Não o digo por me dar applauso, nem pa-

ra obter favor tampouco, senão porque o facto é esse, e para que os menos reflectidos me não julguem sôbre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.

Não sei se o fiz: a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica do que ésta; mas as situações são poucas: extender éstas de invenção era adelgaçar a fôrça d'aquella, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as attitudes simples, é que se obram os grandes milagres d'arte pela correção no desenho, pela verdade das côres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se hade fazer um prodigio ou uma semsaboria. Eu sei a que impreza de Icaro me arrojarei, e nem tenho máres a que dar nome com a minha quéda: ellas são tantas já!

Nem amores nem aventuras, nem paixões nem characteres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, e um peregrino que apenas entra em duas ou tres

scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mau para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguém, pelo menos no último acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dança macabra de assassínios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama — eu quiz ver se era possível excitar fortemente o terror e a piedade — ao cadaver das nossas plateas, gastas e cacheticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanizá-lo com sos estes dous metaes de lei.

Repitto sinceramente que não sei se o consegui; sei, tenho fe certa que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova, e calçou justo no pé o cothurno das nações modernas; esse não accete das turbas o *ταρῶς* consagrado, o bode votivo; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer vizagens ao povo: esse atire a sua obra ás disputações das escholâs e das parcialidades do mundo, e recolha-se a descansar no septimo dia de seus trabalhos, porque tem creado o theatro da sua epocha.

Mas se o ingenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha criação, o podêr de nenhum homem so não virá a cabo d'ella nunca. Eu julgarei ter ja feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adiantamento da grande obra que trabalha e fatiga as intranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com affrontamentos e nojos, porque ainda agora se está a formar em principio de embryão.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a piquenas cousas: o drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado da sociedade: a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é, o drama ainda se não sabe o que é: a litteratura actual é a palayra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo ja influe sôbre ella; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para insaiar éstas minhas theorias d'arte, que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem

de invenção nem de stylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Ha muitos annos, discorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho, fui dar com um theatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas récitas n'uma tenda de lona no areal da Povoia-de-Varzin além de Villa-do-Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrência grande; fomos á noite ao theatro: davam a *comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de Frei Luiz de Sousa. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, em quanto n'um alinho, mais baixo que o cotovello dos actores, ardia um palaciosinho tambem de papelão. . . era o de Manuel de Sousa-Coutinho em Almada!

Fosse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me intalhem, por mais de leve que seja, nas fibras do coração: e as

que alli recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos annos depois, lendo a célebre memoria do Sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo, por causa d'ella, a romanesca mas sincera narrativa do padre Frei Antonio da Incarnação, pela primeira vez attentei no que era de dramatico aquelle assumpto.

Não passou isto porêem de um vago relançar do pensamento. Ha dois annos, e aqui n'esta sala, quando ouvi ler o curto mas bem sentido relatorio da commissão que nos propoz admittir ás próvas públicas o drama, o *Captivo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas rellexões que alli se faziam sôbre a comparação d'aquella fábula ingenhosa e complicada com a historia tam simples do nosso insigne escriptor.

Quizeram-me depois fazer crer que o drama portuguez era todo tirado, ou principalmente imitado, d'esse romance francez de que ja vos fallei e que eu ainda não tinha lido então. Fui le-lo immediatamente, e achei falsa de todo a accusação; mas achei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouyia dar. Pareceu-me que

o assumpto podia e devia ser tractado de outro modo, e assentei fazer este drama.

Escuso dizer-vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da chronologia, nem a rejeitar por improprio da scena tudo quando a severa critica moderna indigitou como arriscado de se appurar para a historia. Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto: e quem sabe porfim em qual dos dois altares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito affincada attenção a memoria que ja citei do douto socio da Academia Real das Sciencias o Sr. bispo de Vizeu; e collacionei todas as fontes d'onde elle derivou e appurou seu copioso cabedal de noticias e reflexões: mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, n'aquelle bello compendio, characteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da epocha, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopea são possiveis, se os quizerem fazer com a *Arte de verificar as datas* na mão.

Esta quasi appologia seria ridicula, Senho-

res, se o meu trabalho não tivesse de apparecer senão deante de vós, que por instituição deveis saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quaes e quam largas são, e como limitadas, as leis da verdade poetica, que certamente não deve ser oppressora, mas também não póde ser escrava da verdade historica. Desculpae-me apontar aqui esta doutrina, não para vós que a professais, mas para algum escrupuloso mal advirtido que me podesse condemnar por infracção de leis a que não estou obrigado porque as não acceitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliaveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais, que ou não seja puramente historico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biographos, ou implicitamente contido, possível, e verisimil de se conter no que elles referem.

Offereço esta obra ao Conservatorio Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes litteratos, e os nobres characteres civicos que elle reúne em seu seio, e para testemunho sincero também da muita confiança que tenho n'uma instituição que tam util tem si-

do e hade ser á nossa litteratura renascente, que tem estimulado com premios, animado com exemplos, dirigido com sabios conselhos a cultura de um genero que é, não me canso de o repettir, a mais verdadeira expressão litteraria e artistica da civilisação do seculo, e reciprocamente exerce sôbre ella a mais poderosa influencia.

Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes — perdoae-me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser — ainda antes de elle apparecer formulado em tam elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterizam a epocha, os Victor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, imprêgo para o sabio; compará-los, achar a lei de suas series, occupação para o philosopho, o politico; revesti-las das fórmãs mais populares, e derramar assim pelas nações um insino facil, uma instrução intellectual e moral que, sem apparatus de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da mul-

tidão no meio de seus proprios passatempos — a missão do litterato, do poeta. Eis-aqui porque ésta epocha litteraria é a epocha do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Parti d'esse ponto, mirei a este alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições litterarias, escriptas em tam desvariadas situações da vida, e as mais d'ellas no meio de trabalhos serios e pesados, para desencançar de estudos mais graves ou refocilar o espirito fatigado dos cuidados publicos — alguma vez tambem para não deixar seccar de todo o coração na aridez das cousas politicas, nas quaes é fôrça apertá-lo até indurecer para que no'lo não quebre o egoismo duro dos que mais carregam onde acham mais brando, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade: pu-lo no expirar da velha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as fórmulas dramaticas, é a tragedia de CATÃO.

O romance de DONA BRANCA não foi senão uma tentativa incolhida e tímida para espreitar o gosto do público portuguez, para ver se nascia entre nós o genero, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella fórma, entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colhêr pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O CAMÕES levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmas.

Os meus insaios de poesia popular na ADZINDA ve-se que prendem no mesmo pensamento — fallar ao coração e ao ânimo do povo pelo romance e pelo drama.

Este é um seculo democratico: tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os principes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na cousa pública como sua; querem ir como Euripedes e Sophocles, solicitar na praça os suffragios populares, não como Horacio e Virgilio, cortejar no paço as sympathias de reaes corações. As côrtes deixaram de ter Mecenas; os Medicis, Leão X, Dom Manuel e

Luiz XIV ja não são possíveis; não tinham favores que dar nem thesouros que abrir ao poeta e ao artista.

Os sonetos e os madrigaes eram para as assembleas perfumadas d'essas damas que pagavam versos a sorrisos: — e era talvez a melhor e mais segura lettra que se vencia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, — no drama e na novella da actualidade offereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, a baixo, ao seu nivel, — e o povo hade applaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri n'isto: a minha fe não era tam clara e explicita como hoje é, mas sempre foi tam implicita. Quiz pôr a theoria à prova experimental e lancei no theatro o AUTO DE GIL-VICENTE. Ja escrevi algures, e sinceramente vos repitto aqui, que não tomei para mim os applausos e favor com que o recebeu o público; não foi o meu drama

que o povo applaudiu, foi á idea, o pensamento do drama nacional.

Esta academia Real deante de quem hoje me comprazo de fallar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expuz o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fe, vós, Senhores, o intendestes e acolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente o Conservatorio tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco annos do que até agora se escreviam n'um seculo.

O anno passado quando publiquei o ALFAGEME, aqui vos disse, Senhores, a tenção com que o fizera, o desejo que tinha de o submetter á vossa censura, e os motivos de delicadeza que tive para o não fazer entrar a ella pela feira marcada nas nossas leis academicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar FREI LUIZ DE SOUSA sob a tutela do incognito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhuns respetos humanos podem vedar-me que eu venha

intregar como offerenda ao Conservatorio Real de Lisboa este meu trabalho dramatico que provavelmente será o último, inda que Deus me tenha a vida por mais tempo; porque esse pouco ou muito que ja agora terei de viver está consagrado, por uma especie de juramento que me tomei a mim mesmo — a uma tarefa longa e pesada que não deixará nem a sesta do descanso ao trabalhador — que trabalha no seu, com a estação adiantada, e quer ganhar o tempo perdido. Incita-o ésta idea, e punge-o, demais, o amor proprio: porque hoje não póde ja deixar de ser para mim um ponto de honra desimpenhar funcções de que me não demitti nem demitto — escrevendo, na historia do nosso seculo, a chronica do último rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o último vale a essa amena litteratura que foi o mais querido folguedo da minha infancia, o mais suave inleio da minha juventude, e o passa-tempo mais agradavel e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade; — nem me pe-

ja dizê-lo deante de vós: é virar as costas ao Eden de regalados e prigueiros folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lírios que affagam os sentidos, mas plantas — uteis sim, porém desgraçadas á vista, fastientas ao olfacto — é o real e o necessario da vida.

Assim quasi que dou aqui o último vale a essa amena litteratura que foi o mais querido folguedo da minha infancia, e mais suave inicio da minha juventude, e o passatempo mais agradável e interessante dos primeiros e mais agitados annos da minha vida.

Despeço-me com saudade: — não me pe-

FREI LUIZ DE SOUSA

D R A M A

Representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro da quinta do Pinheiro em quatro de Julho de

MDCCCXLIII.

PESSOAS.

MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA.
DONA MAGDALENA DE VILHENA.
DONA MARIA DE NORONHA.
FREI JORGE-COUTINHO.
O ROMEIRO.
TELMO-PAES.
O PRIOR DE BEMFICA.
O IRMÃO CONVERSO.
MIRANDA.
O ARCEBISPO DE LISBOA.
DOROTHEA.

CÔRO DE FRADES DE SAN'DOMINGOS.

Clerigos do arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena — Almada.

FRIE LUIS DE SOUSA

MANUEL (FRIE LUIS) DE SOUSA
DONA MAGDALENA DE VIEIRA
DONA MARIA DE NORONHA
FRIE JORGE COUTINHO
O ROMERO
TEMO-PAES
O PRON DE BEMICA
O IRATO CONVERSO
MIRANDA
O ARCEBISPO DE LISBOA
DOROTHEA
C6no de PADRES DE SAN DOMINGOS
Clerigos de excelsos, fides, criados, etc.
Logar da scena — Almada.

Logar da scena — Almada.

ACTO PRIMEIRO.

Camera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezessete: porcelanas, xarões, sedas, flores etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e de donde se ve toda Lisboa: entre as janellas o retratto, em corpo inteiro, de um cavalleiro môço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem. — Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de ricco panno de velludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamborettes razos, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. — É no fim da tarde.

SCENA I.

MAGDALENA so, sentada juncto á banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre elle, como quem descahiu da leitura da meditação.

MAGDALENA, repettindo machinalmente e de vagar o que acaba de ler.

‘N’aquelle ingano d’alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...’

Com paz e alegria d’alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n’este mundo. — E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pôde-se morrer. Mas eu!.. (pausa)
Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um so momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor. — Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha!
(Torna a descahir em profunda meditação: silencio breve.)

SCENA II.

MAGDALENA, TELMO-PAES.

TELMO, chegando aopé de Magdalena que o não
sentiu entrar.

A minha senhora está a ler?...

MAGDALENA, despertando.

Ah! sois vós, Telmo... Não, ja não leio: ha
pouca luz de dia ja; confundia-me a vista. — E
é um bonito livro este! o teu valido, aquelle
nosso livro, Telmo.

TELMO, deitando-lhe os olhos.

Oh, oh! Livro para damas — e para cavallei-
ros... e para todos: um livro que serve para to-
dos; como não ha outro, tirante o respeito devido
ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu
a consolação de ler, que não sei latim como meu
senhor... quero dizer, como o senhor Manuel de
Sousa-Coutinho — que la isso!.. acabado escholar
é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito
bem o conheci: grande homem! Muitas lettras,

e de muito gallante prática — e não somenos as outras partes de cavalleiro : uma gravidade !.. Ja não ha d'aquella gente. — Mas, minha senhora , isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua, n'uma lingua que a gente... que toda a gente não intende !.. confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me ditto suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe ! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou d'Inglaterra. Será ?

MAGDALENA.

Olhae, Telmo ; eu não vos quero dar conselhos : bem sabeis que desde o tempo que... que...

TELMO.

Que ja lá vai, que era outro tempo.

MAGDALENA.

Pois sim... (*suspira*) Eu era uma criança ; pouco maior era que Maria.

TELMO.

Não, a senhora D. Maria ja é mais alta.

MAGDALENA.

É verdade, tem crescido de mais, e de repente n'estes dous mezes ultimos...

TELMO.

Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*á parte*) Uma senhora aquella... pobre menina!

MAGDALENA, com as lagrymas nos olhos.

Es muito amigo d'ella, Telmo?

TELMO.

Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!.. e então que coração!

MAGDALENA.

Filha da minha alma! (*pausa: — mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez — costumei-me a olhar para ti com tal respeito: ja então eras o que hoje es, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

TELMO, internecido.

Não digais mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

MAGDALENA, quasi offendida.

Porquê? não es hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da con-

fiança, do respeito — do amor e carinho a que estava costumado o aia fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

TELMO, á parte.

Tera...

MAGDALENA.

O amigo e camarada antigo de seu pae?

TELMO.

Não, minha senhora, não, por certo.

MAGDALENA.

Então?...

TELMO.

Nada! Continue, dizej, minha senhora.

MAGDALENA.

Pois está bem: — Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomaste — e com muito gosto meu e de seu pae, um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que es tu a sua donna, a sua aia de criação. — Parece-me... eu sei... não falles com ella d'esse modo, n'essas coizas...

TELMO.

O quê? No que me disse o inglez, sobre a sa-

grada Escripura que elles lá teem em sua lingua, e que?..

MAGDALENA.

Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas de seu sexo tambem, que aquella criança está sempre a querer saber, a perguntar. — É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem ves que não é uma criança... muito... muito forte.

TELMO.

É... delgadinha, é. Hade inrijar. É tê-la por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa; e deixae, que se hade pôr outra.

MAGDALENA.

Filha do meu coração!

TELMO.

E do meu. — Pois não se lembra, minha senhora, que ao princípio, era uma criança que eu não podia... — é a verdade, não a podia ver: Já sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!.. nem eu sei... — E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um

anjo tal de formosura e de bondade, que — vêdes-me aqui agora que lbe quero mais do que seu pae.

MAGDALENA, sorrindo.

Isso agora!

TELMO.

Do que vós.

MAGDALENA, rindo.

Ora, meu Telmo!

TELMO.

Mais, muito mais. E veremos: tenho ca uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

MAGDALENA, assustada.

Está bom; não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo'-nos de futuros...

TELMO.

Deixemos, que não são bons.

MAGDALENA.

E de passados tambem...

TELMO.

Tambem.

MAGDALENA.

E vamos ao que importa agora. — Maria tem uma compreensão...

TELMO.

Compreende tudo!

MAGDALENA.

Mais do que convem.

TELMO.

Às vezes.

MAGDALENA.

É preciso moderá-la.

TELMO.

É o que eu faço.

MAGDALENA.

Não lhe dizer...

TELMO.

Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... de melhor...

MAGDALENA.

Melhor quê?

TELMO.

De nascer em melhor estado. — Quizestes ouvi-lo... está ditto.

MAGDALENA.

Oh Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes.
(*Desata a chorar*).

TELMO, ajoelhando e beijando-lhe a mão.

Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... mandae-me ja castigar, mandae-me cortar esta lingua perra que não toma insino. — Oh senhora, senhora!.. é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam bom linhagem como os que se têm por melhores n'este reino, em toda Hespanha... A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

MAGDALENA.

Callae-vos, callae-vos, pelas dores de Jesus Christo, homem.

TELMO, soluçando.

Minha ricca senhora!...

MAGDALENA, inchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme.

Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se.*) Ouvi-me com attenção. É a primeira e será

a última vez que vos fallo d'este modo e em tal assumpto. — Vós fostes o aio e o amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalhos e de glória de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um podêr no meu espirito, quasi maior... — de certo, maior — que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, intregar-vos eu mesma tal auctoridade n'esta casa e sôbre minha pessoa... que outros poderão estranhar...

TELMO.

Emendac-o, senhora.

MAGDALENA.

Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo.
— Mas agora deixae-me fallar. — Depois que fi-

quei so, depois d'aquella funesta jornada de Africa que me deixou viuva, orphan e sem ninguem... sem ninguem, e n'uma idade... com dezessete annos! — em vós, Telmo, em vós so, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em logar de pae: e eu... salvo n'uma coisa! — tenho sido para vós, ténho-vos obedecido como filha.

TELMO.

Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

MAGDALENA.

Para essa houve podêr maior que as minhas fôrças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flor da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo.*) Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sette annos, incredula a tantas próvas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve... Cabedaes e valimentos, tudo se impregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens

appertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se incommendava o seguir a pista do mais leve indício que podesse desmentir, pôr em dúvida ao menos, aquella notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha d'Alcacer. Tudo foi inutil; e a ninguem mais ficou resto de dúvida...

TELMO.

Senão a mim.

MAGDALENA.

Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu... — E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício... Pois disse-me em consciencia, disse-m'o de uma vez, claro e desenganado: a que se apega ésta vossa credulidade de sette... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

TELMO, gravemente.

As palavras, ás formaes palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vo-la trouxe. — 'Vivo ou morto' — rezava ella — 'vivo ou morto...' Não

me esqueceu uma lettra d'aquellas palavras ; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão : — ' vivo ou morto, Magdalena, heide ver-vos pelo menos ainda uma vez n'este mundo. ' — Não era assim que dizia ?

MAGDALENA, aterrada.

Era, inda mal ! — E morto... a sua

alma, a sua figura...

MAGDALENA, possuida de grande terror.

Jesus, homem !

TELMO.

Não vos appareceu, de certo.

MAGDALENA.

Não : credo !

TELMO, mysterioso.

Bem sei que não. Queria-vos muito ; e a sua

primeira visita, como de razão, sería para minha

senhora. Mas não se ia sem apparecer tambem

ao seu aio velho.

MAGDALENA.

Valha-me Deus, Telmo ! Conheço que desarra-

zoais, e comtudo as vossas palavras mettem-me um medo... Não me faças mais desgraçada.

TELMO.

Desgraçada! Porquê? não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quizestes mais sôbre todos? — Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

MAGDALENA.

Não está em nós dá-lo, nem quitá-lo, amigo.

TELMO.

Assim é. Mas os ciumes que meu amo não teve nunca—bem sabeis que têmpera d'alma era aquella — tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por elle: não posso, não posso ver... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa-Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas — mas não é, nunca hade ser, aquelle espelho de cavalleria e gentileza, aquella flor dos bons... Ah meu nobre amo meu sancto amo!

MAGDALENA.

Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito: — eu resolvi-me porfim a casar com Manuel de Sousa; foi do apprazimento geral de nossas familias, da propria familia de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gôsto e ância da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no ingenho, nos dotes admiraveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que es tam seu, que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

TELMO.

Não, não tenho!

MAGDALENA.

Pois tens: melhor. — E es tu o que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chýmera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para innodoar a pureza d'aquella innocente, para condemnar a eterna des-honra a mãe e a filha... (*Telmo dá signaes de gran-*

de agitação.) Ora dize : ja pensaste bem no mal que estás fazendo ? — Eu bem sei que a ninguem n'este mundo, senão a mim, fallas em taes cousas... fallas assim como hoje temos fallado... mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade ! — esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está imminente sôbre a nossa familia... não ves que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquella criança, aguçando-lhe o espirito — ja tam prespicaz ! — a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não cres devéras ? Não cres, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, ve : se um terror similhante chega a entrar n'aquella alma, quem lh'o hade tirar nunca mais ?.. O que hade ser d'ella e de nós ? — Não a perdes, não a matas... não me matas a minha filha ?

TELMO, em grande agitação durante a falla precedente, fica pensativo e aterrado: falla depois como para si.

É verdade que sim! A morte era certa. — E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não. *(Para Magdalena)* A fe de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bôcca não se abre mais; e o meu espirito hade... hade fechar-se tambem... *(Aparte)* Não é possível, mas eu heide salvar o meu anjo do ceo! *(Alto para Magdalena)* Está ditto, minha senhora.

MAGDALENA.
Ora Deus t'o pague. — Hoje é o último dia de nossa vida que se falla em tal.

TELMO.
O último.

MAGDALENA.
Ora pois, ide, ide ver o que ella faz: *(levantando-se)* que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. *(Telmo vai a sahir)* E olhae: chegae-me depois allia a San'Pauló, ou mandae, se não podeis...

TELMO.
Ao convento dos Dominicos? Pois não posso de: quatro passadas.

MAGDALENA.

E disse a meu cunhado, a Frei Jorge-Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometeu de vir antes de véspera, e não veio; que é quasi noite, e que ja não estou contente com a tardança. *(Chega á varanda, e olha para o rio)* O ar está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tam linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que affaga... Oh e quantas faluas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas — n'aquella tam bonita — venha Manuel de Sousa. — Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'um instante para outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas! — Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! *(olha para o retrato com amor)* Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os ares... E ess'outros ares que por ahi correm d'estas alterações públicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle character inflexivel de Manuel de Sousa traz-me n'um susto contínuo. — Vai, vai a Frei Jorge,

que diga se sabe alguma coisa, que me assoeque, se poder.

SCENA III.

MAGDALENA, TELMO, MARIA.

MARIA, entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena.

Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando — e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e ja abhorrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui pôsto a conversar com minha mãe, sem se importar de mim! — Que é do romance que me promettestes? não é o da batalha, não é o que diz: *Postos estão, frente a frente, é o outro, é o da ilha incuberta onde está elrei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu: não é assim, minha mãe?*

MAGDALENA.

Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chymeras para se consolar na desgraça.

MARIA.

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma cousa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, (*chegasse toda para elle, acarinhando-o*) ninguem n'esta casa gosta de ouvir fallar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso sancto rei D. Sebastião. — Meu pae, que é tam bom portuguez, que não póde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes, dizem que é demais o que elle faz e o que elle falla... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltasse, o pobre do rei. — Ó minha mãe, pois elle não é por D. Philippe; não é, não?

MAGDALENA.

Minha querida Maria, que tu hasde estar sempre a imaginar n'essas coisas que são tam pouco para a tua idade! Isso é o que nos afflige, a teu pae e a mim; queria-te ver mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

MARIA.

Então, minha mãe, então! — Vêem, vêem?.. tambem minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é peor, que se afflige, chora... ella ahí está a chorar... (*vai-se abraçar com a mãe que chora*). Minha querida mãe, ora pois então! — Vai-te embora, Telmo, vai-te: não quero mais fallar, nem ouvir fallar de tal batalha, nem de taes historias, nem de coisa nenhuma d'essas. — Minha querida mãe!

TELMO.

E é assim: não se falla mais nisso. E eu vou-me embora. (*Áparte, e indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquellas rozetas nas faces... Se o perceberá a póbree da mãe!

SCENA IV.

MAGDALENA, MARIA.

MARIA.

Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho? — A mãe ja não chora, não? ja se não infada commigo?

MAGDALENA.

Não me infado commigo nunca, filha; e nunca me affliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

MARIA.

Pois ahí está a minha tristeza; é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada; e tenho saude, olhae que tenho muita saude.

MAGDALENA.

Tens, filha... se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

MARIA.

Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras

vos tenho ouvido, e a meu pae... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto, — e a pensar em tudo, a ver se descubro o que isto é — o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve decerto filha querida como eu!...

MAGDALENA.

Não, Maria.

MARIA.

Pois sim; tendo-me tanto amor que nunca houve outro igual, estais sempre n'um sobresalto commigo? ..

MAGDALENA.

Pois se te estremecemos?

MARIA.

Não é isso, não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!.. e nas estréllas do ceo tambem — e sei cousas...

MAGDALENA.

Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, temente a Deus... não te quero ouvir fallar assim. — Ora vamos: anda ca, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flores. Que flores tens tu agora? O que são éstas? (*pegando nas que ella traz na mão*).

MARIA, abrindo a mão e deixando-as cair no regaço da mãe.

Murchou tudo... tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabeçal ésta noite; quero-a dormir de um somno, não quero sonhar, que me faz ver coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

MAGDALENA.

Sonhar, sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar: e Deus pôz-nos n'este mundo para velar e trabalhar — com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranharmos a éstas coisas da vida que nos cercam, a éstas necessidades que nos impõe o estado, a condicção em que nascêmos. Ves tu, Maria: tu es a nossa unica filha, todas as esperanças de teu pae são em ti...

MARIA.

E não lh'as posso realizar, bem sei. — Mas que heide eu fazer? eu estudo, leio...

MAGDALENA.

Les demais, canças-te, não te distraís como as outras donzellas da tua idade, não es...

MARIA.

O que eu sou... so eu o sei, minha mãe... E não sei, não : não sei nada, senão que o que devia ser não sou... — Oh ! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo, capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avós corriam a India, levando adeante de si Turcos e Gentios ! um bello moço que fosse o retratto proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. (*Apontando para o retratto*) Como elle era bonito meu pae ! Como lhe ficava bem o preto !... e aquella cruz tam alva em cima ! Paraque deixou elle o hábito, minha mãe, porque não ficou n'aquella sancta religião, a voagar em suas nobres galeras por esses máres, e a affugentar os infieis deante da bandeira da Cruz ?

MAGDALENA.

Oh filha, filha ! ... (*mortificada*) porque não foi vontade de Deus : tinha de ser d'outro modo — Tomára eu agora que elle chegasse de Lisboa ! Com-effeito é muito tardar... valha-me Deus !

SCENA V.

JORGE, MAGDALENA, MARIA.

JORGE.

Ora seja Deus n'esta casa !

(*Maria beija-lhe o escapulário e depois a mão; Magdalena somente o escapulário.*)

MAGDALENA.

Sejais bemvindo, meu irmão !

MARIA.

Boas tardes, tio Jorge !

JORGE.

Minha senhora mana ! — A benção de Deus te cubra, filha ! — Tambem estou desassocegado como vós, mana Magdalena : mas não vos afflijais, espero que não hade ser nada. — É certo que tive umas noticias de Lisboa...

MAGDALENA, assustada.

Pois que é, que foi ?

JORGE.

Nada, não vos assusteis ; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo. Os governa-

dores querem sahir da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de afurarem mettidos alli dentro toda a fôrça da peste, agora que ella está, se póde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por fôrça querem mudar de ares.

MAGDALENA.

Pois coitados! ...

MARIA.

Coitado do povo! — Que mais valem as vidas d'elles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até á última, onde a miseria fosse mais e o perigo maior, para attender com remedio e amparo aos necessitados. — Pois, rei não quer dizer pae commum de todos?

JORGE.

A minha donzella Theodora! — Assim é, filha; mas o mundo é d'outro modo: que lhe faremos?

MARIA.

Emendá-lo.

JORGE, para Magdalena, baixo.

Sabeis que mais? Tenho medo d'esta criança.

MAGDALENA, do mesmo modo.

Tambem eu.

JORGE, alto.

Mas emfim, resolveram sahir: e sabereis mais que, para côrte e 'buen-retiro' dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Philippe de Castella que Deus guarde, foi escolhida ésta nossa boa villa d'Almada, que o deveu á fama de suas aguas sadias, ares lavados e graciossa vista.

MAGDALENA.

Deixá-los vir.

JORGE.

Assim é: que remedio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de San'Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Míguel de Castro, presidente do govêrno. — Bom prelado é elle; e, se não fosse que nos tira do humilde socêgo de nossa vida, por vir como senhor e principe secular... o mais, paciencia. Peior é o vosso caso...

MAGDALENA.

O meu!

JORGE.

O vosso e de Manuel de Sousa: porque os outros quatro governadores — e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa

— dizem que querem vir para ésta casa, e pôr aqui aposentadoria.

MARIA, com vivacidade.

Fechâmos-lhes as portas. Mettêmos a nossa gente dentro — o terço de meu pae tem mais de seiscentos homens — e defendemo'-nos. Pois não é uma tyrannia? ... — E hade ser bonito! ... Tomára eu ver seja o que for que se pareça com uma batalha!

JORGE.

Louquinha!

MAGDALENA.

Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros governadores, para nós fazerem esse desacato? Não ha por ahi outras casas; e elles não sabem que n'esta ha senhoras, uma familia... e que estou eu aqui? ...

MARIA, que esteve com o ouvido inclinado para a janella.

É a voz de meu pae! Meu pae que chegou.

MAGDALENA, sobressaltada.

Não oiço nada.

JORGE.

Nem eu, Maria.

MARIA.

Pois oiço eu muito claro. É meu pae que ahí vem... e vem affrontado!

SCENA VI.

JORGE, MAGDALENA, MARIA,

MIRANDA.

MIRANDA.

Meu senhor chegou: vi agora d'aquelle alto entrar um bergantim que é por força o nosso. Estaveis com cuidado; e era para isso que já vai a cerrar-se a noite... Vim trazer-vos depressa a noticia.

MAGDALENA.—

Obrigada, Miranda. — É extraordinaria ésta criança; ve e ouve em taes distancias...

(Maria tem sahido para o eirado, mas volta logo depois.)

JORGE.

É verdade. *(Aparte)* Terrível signal n'aquelles annos e com aquella compleição!

SCENA VII.

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA;
 MANUEL-DE-SOUSA *entrando com varios criados que o seguem — alguns com brandões accesos. — É noite fechada.*

MANUEL, parando juncto da porta, para os criados.

Façam o que lhes disse. Ja, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; incostem-n'os ahi fóra no patim. E tudo o mais que eu mandei.—(*Vindo ao proscenio*) Magdalena! Minha querida filha, minha Maria! (*abraça-as*) Jorge, ainda bem que aqui estás, preciso de ti: bem sei que é tarde e que são horas conventuaes; mas eu irei depois comtigo dizer a 'mea culpa' e o 'peccavi' ao nosso bom prior. — Miranda, vinde ca. (*Vai com elle á porta da esquerda, depois ás do eirado, e dá-lhe algumas ordens baixo.*)

MAGDALENA.

Que tens tu? nunca entraste em casa assim. Tens cousa que te dá cuidado... e não m'ó dizes? O que é?

MANUEL.

É que... Senta-te, Magdalena; aqui aopé de mim, Maria; Jorge, sentemo'-nos que estou cansado. (*Sentam-se todos*) Pois agora sabei as novidades, que seriam extranhas se não fosse o tempo em que vivemos. (*pausa*) É preciso sahir ja d'esta casa, Magdalena.

MARIA.

Ah! inda bem, meu pae!

MANUEL.

Inda mal! mas não ha outro remedio. Sabiremos ésta noite mesma. Ja dei ordens a toda a familia: Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas cameras velando n'esse cuidado. Sempre é bom que vas dar um relance d'olhos ao que por lá se faz: eu tambem irei por minha parte. — Mas temos tempo: isto são oito horas, á meia noite vão quatro; d'aqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo... e elles não virão antes da manhan.

MAGDALENA.

Então sempre é verdade que Luiz de Moura e os outros governadores?..

MANUEL.

Luiz de Moura é um villão ruim, faz como quem é: o arcebispo é... o que os outros querem que elle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Sancta-Cruz, que deviam olhar por quem são, e que tomaram este incargo odioso... e vil, de opprimir os seus naturaes em nome d'um rei estrangeiro... Oh que gente, que fidalgos portuguezes!.. Heide-lhes dar uma lição, a elles, e a este escravo d'este povo que os soffre, como não levam tyrannos há muito tempo n'esta terra.

MARIA.

O meu nobre pae! Oh, o meu querido pae! Sim, sim, mostrae-lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.

MAGDALENA.

Meu adorado espôso, não te deites a perder, não te arrebrates. Que faras tu contra esses poderosos? Elles ja te querem tam mal pelo mais que tu vales que elles, pelo teu saber — que esses grandes fingem que desprezam... mas não é assim, o que elles teem é inveja! — O que fará, se lhes deres pretexto para se vingarem da affronta em que

os traz a superioridade do teu merito! — Manuel, meu espóso, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

JORGE.
Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.

MANUEL.

Lembro-me de tudo, deixa estar. — Não te inquietes, Magdalena: elles querem vir para aqui ámanhan de manhan; e nós forçosamente havemos de sahir antes d'elles entravem. Por isso é preciso ja.

MAGDALENA.
Mas para onde iremos nós, de repente, a éstas horas?

MANUEL.
Para a unica parte para onde podêmos ir: a casa não é minha... mas é tua, Magdalena.

MAGDALENA.
Qual?... a que foi?... a que péga com San'Paulo?... Jesus me valha!

JORGE.

E fazem muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quasi tudo de trastes e paramentos necessarios: pouco tereis que levar

comvosco. — E então para mim, para os nossos padres todos que alegria! Ficámos quasi debaixo dos mesmos telhados. — Sabeis que tendes alli tribuna para a capella da Senhora da Piedade, que é a mais devota e mais bella de toda a igreja... Ficámos como vivendo junctos.

MARIA.

Tomára-me eu ja lá. (*levanta-se pulando.*)

MANUEL.

E são horas, vamos a isto. (*levantando-se.*)

MAGDALENA, vindo para elle.

Ouve, escuta, que tenho que te dizer; por quem es, ouve: não haverá algum outro modo?

MANUEL.

Qual, senhora, e que lhe heide eu fazer? Lembrae vós, vêde se achais.

MAGDALENA.

Aquella casa... eu não tenho ânimo... Olhae: eu preciso de fallar a sos comvosco. — Frei Jorge, ide com Maria ahi para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

MARIA.

Tio, venha, quero ver se me accomodam os meus livrinhõs; (*confidencialmente*) e os meus pa-

peis, que eu tambem tenho papeis : deixae que lá na outra casa vos heide mostrar... Mas segredo ?

JORGE.

Tontinha !

SCENA VIII.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA.

MANUEL passeia agitado de um lado para outro da scena, com as mãos cruzadas detrás das costas ; e parando de-repente :

Hade saber-se no mundo que ainda ha um portuguez em Portugal.

MAGDALENA.

Que tens tu, dize, que tens tu ?

MANUEL.

Tenho que não heide soffrer ésta affronta... e que é preciso sahir d'esta casa, senhora.

MAGDALENA.

Pois sahiremos, sim : eu nunca me oppuz ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade differente da tua ; estou prompta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas, oh !

espôso da minha alma... para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deitando-lhe os braços ao pescoço.*)

MANUEL.

Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir: e a éstas horas, n'este apêrto... Mudaremos depois, se quizeres... mas não lbe vejo remedio agora. — E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido! é por mim que tens essa repugnancia? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memoria, por ti, por elle e por mim; e não tenho na consciencia porque receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos que o cubriram. — Viveste alli com elle? Eu não tenho ciumes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu so, todo meu, querida Magdalena... Não fallemos mais n'isso; é preciso partir, e ja.

MAGDALENA.

Mas é que tu não sabes... eu não sou melindrosa nem de invenções: em tudo o mais sou mulher, e muito mulher, querido; n'isso não... mas tu não sabes a violencia, o constrangimento

d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar n'aquella casa. Parece-me que é voltar ao podêr d'elle, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar alli... — oh perdoa, perdoa-me, não me sai ésta idea da cabeça... — que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dous gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre... — Que queres? bem sei que é loucura; mas a idea de tornar a morar alli, de viver alli contigo e com Maria, não posso com ella. Sei de certo que vou ser infeliz, que vou morrer n'aquella casa funesta, que não estou alli tres dias, tres horas sem que todas as calamidades do mundo venham sôbre nós. — Meu espôso, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor t'o peço, pela nossa filha... vamos seja para onde for, para a cabana de algum pobre pescador d'esses contornos, mas para alli não, oh! não.

MANUEL.

Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não ha senão um temor justo, Magdalena, é o

temor de Deus ; não ha espectros que nos possam apparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciencia que t'os faça temer ? O teu coração e as tuas mãos estão puras : para os que andam deante de Deus , a terra não tem sustos , nem o inferno pavores que se lhes atrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal n'essa devota capella que é parte da sua casa ; e não hajas medo que nos venha perseguir n'este mundo aquella sancta alma que está no ceo, e que em tam sancta batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou martyr ás mãos dos infieis. — Vamos, D. Magdalena de Vilhena, lembrae-vos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vans chimeras de crianças, a tranquillidade do espirito e a fôrça do coração, que as preciso inteiras n'esta hora.

MAGDALENA.

Pois que vais tu fazer ?

MANUEL.

Vou, ja te disse, vou dar uma licção aos nossos tyrannos que lhes hade lembrar, vou dar um exemplo a este povo que os hade allumiar...

SCENA IX.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA ; TELMO,
MIRANDA E OUTROS CRIADOS, *entrando*
apressadamente.

TELMO.

Senhor, desimbarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêem de Lisboa e sobem a incosta para a villa. O arcebispo não é de-certo, que ja ca está ha muito no convento : diz-se por ahi...

MANUEL.

Que são os governadores? (*Telmo faz um signal affirmativo.*) Quizeram-me enganar, e apressam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram despercebido. (*Chama á porta da esquerda*) Jorge, Maria! (*Volta para a scena*) Magdalena, ja, ja sem mais demora.

SCENA X.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA, TELMO,
MIRANDA E OS OUTROS CRIADOS; JORGE
E MARIA *entrando*.

MANUEL.

Jorge, acompanha éstas damas. Telmo, ide, ide com ellas. — (*Para os outros criados*) Partiu ja tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo o mais?

MIRANDA.

Quasi tudo foi ja; o pouco que falta está prompto e sahirá n'um instante... pela porta detraz, se quereis.

MANUEL.

Bom; que saia. (*A um signal de Miranda sahem dois criados.*) Magdalena, Maria, não vos quero ver aqui mais. Ja, ide; serei comvosco em pouco tempo.

SCENA XI.

MANUEL-DE-SOUSA, MIRANDA E OS OUTROS

CRIADOS, MARIA, TELMA, ANTONIA

MANUEL.

Meu pae morreu desastrosamente cahindo sobre a sua propria espada : quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos ? Seja. Mas fique-se apprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe póde resistir, em perdendo o amor a coisas tam vis e precarias como são esses haveres que duas faíscas destroem n'um momento... como é ésta vida miseravel que um sôpro póde apagar em menos tempo ainda ! *(Arrebata duas tochas das mãos dos criados, corre á porta da esquerda, atira com uma para dentro ; e ve-se atear logo uma lavareda immensa. Vai ao fundo, atira a outra tocha ; e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra.)*

SCENA XII.

MANUEL-DE-SOUSA E CRIADOS ; MAGDALENA,
MARIA, TELMO E JORGE *accudindo.*

MAGDALENA.

— Que fazes ?.. que fizeste ? — Que é isto, oh meu Deus !

MANUEL, tranquillamente.

— Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos. Suas excellencias podem vir quando quiserem.

MAGDALENA.

— Meu Deus, meu Deus !.. Ai, e o retratto de meu marido !.. Salvem-me aquelle retratto.

(*Miranda e outro criado vão para tirar o painel ; una columna de fogo salta nas tapeçarias e os afugenta.*)

MANUEL.

Parti, parti. As materias inflammaveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

MAGDALENA, cingindo-se ao braço do marido.
Sim, sim, fugamos.

MARIA, tomando-o do outro braço.
Meu pae, nós não fugimos sem vós.

TODOS.

Fugamos, fugamos...

(Redobram os gritos de fóra, ouve-se rebato de sinos; cai o panno.)

MARINHA, chegando ao largo do marido.

Sim, sim, fujamos.

MARINHA, tomando o outro braço.

MARINHA, não nos fugimos sem vos.

Logo.

Fujamos, fujamos.

(Fecharam as portas de fora, e saíram de
 apanha; cal a porta.)

ACTO SEGUNDO.

É no palacio que fôra de D. João de Portugal, em Almada: salão antigo de gôsto melancolico e pesado, com grandes retrattos de familia, muitos de corpo inteiro, bispos, donnas, cavalleiros, monges; estão em logar mais conspicuo, no fundo, o d'elrei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sôbre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa; em cada braço e entre os dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sôbre o escudo coroa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas cobre as portadas da tribuna que deita sôbre a cappella da Senhora da Piedade na igreja de San' Paulo dos dominicos d'Almada.

SCENA I.

MARIA E TELMO.

MARIA, sahindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo que parece vir de pouca vontade.

Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui n'esta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

TELMO.

Menina !..

MARIA.

'Menina e môça me levaram de casa de meu pae: ' é o princípio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não intende: intendo-o eu. — Mas aqui não ha menina nem môça; e vós, senhor Telmo-Paes, meu fiel escudeiro, 'faredes o que mandado vos é.' — E não me repliques, que então altercâmos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socêgo. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebato dos sinos,

aquella scena toda... oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectaculo como nunca vi outro de egual majestade!.. á minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos: vai a fechá-los para dormir, e diz que ve aquellas chammas innoveladas em fummo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com furia infernal... O retratto de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito, em que elle estava tam gentil homem, vestido de cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito — aquelle retratto não se póde consolar de que lh'o não salvassem, que se queimasse alli. Ves tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retratto é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pae. — E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinnas... para a animar, coitada!.. que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fe n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos pre-

parar. — E ha... oh! ha grande desgraça a cahir
sôbre meu pae... de-certo! e sôbre minha mãe
tambem, que é o mesmo.

TELMO, disfarçando o terror de que está tomado.

Não digais isso... Deus hade fazê-lo por me-
lhor, que lh'o merecem ambos. (*Cobrando ânimo
e exaltando-se*) Vosso pae, D. Maria, é um portu-
guez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta;
mas agora, depois que lhe vi fazer aquella acção,
— que o vi, com aquella alma de portuguez ve-
lho, deitar a mão ás tochas, e lançar elle mesmo
o fogo á sua propria casa; queimar e destruir
n'uma hora tanto de seu haver, tanta coisa de
seu gôsto, para dar um exemplo de liberdade,
uma licção tremenda a estes nossos tyrannos... oh
minha querida filha, aquillo é um homem. A mi-
nha vida que elle queira é sua. E a minha pena,
toda a minha pena é que o não conheci, que o
não estimei sempre no que elle valia.

MARIA, com as lagrymas nos olhos, e tomando-lhe
as mãos.

Meu Telmo, meu bom Telmo!.. é uma glória
ser filha de tal pae: não é? dize.

TELMO.

Sim é: Deus o defenda!

MARIA.

Deus o defenda! amen. — E elles, os tyranos governadores ainda estarão muito contra meu pae? Ja soubeste hoje alguma cousa das diligencias do tio Frei Jorge?

TELMO.

Ja sim. Vão-se desvanecendo — ainda bem! — os agouros de vossa mãe... hão de sahir falsos de todo. O arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros, ja vosso tio os trouxe á razão, ja os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas hade-lhe passar. Por estes dias fica tudo socegado. Ja o estava se elle quizesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quiz fazer: era desculpar com a villania de ãa mentira o generoso crime por que o perseguem.

MARIA.

Meu nobré pae! — Mas quando hade elle sahir d'aquelle omizio? Passar os dias retirado n'essa quinta tam triste d'além do Alfeite, e não podêr

vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

TELMO.

Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é so conservar as apparencias ahí mais uns dias, e depois fica tudo como d'antes.

MARIA.

Ficará, póde ser, Deus queira que seja! — Mas tenho ca uma coisa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquelle susto, aquelle terror em que está — e que ella disfarça com tanto trabalho na presença de meu pae (tambem a mim m'o queria incubrir, mas agora ja não póde, coitada!) aquillo é presentimento de desgraça grande... — Oh! mas é verdade... vinde ca: (*Leva-o deante dos três retrattos que estão no fundo; e apontando para o de D. João*) de quem é este retratto aqui, Telmo?

TELMO, olha, e víra a cara de repente.

Esse é... hade ser... é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso que aqui estão tantos.

MARIA, ameaçando-o com o dedo.

Tu não dizes a verdade, Telmo.

TELMO, quasi offendido.

Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

MARIA.

Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo-Paes ; que é quasi o mesmo.

TELMO.

O mesmo!.. Disse-vos o que sei, e o que é verdade : é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom logar.

MARIA.

E não tem nome o cavalleiro?

TELMO, imbaraçado.

Hade ter : mas eu é que...

MARIA, como quem lhe vai tapar a bôcca.

Agora é que tu ias mentir de todo : cala-te. — Não sei paraque são estes mysterios : cuidam que eu heide ser sempre criança ! — Na noite que viemos para ésta casa, no meio de toda aquella desordem, eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sos e viemos ter a ésta sala. Estava alli um brandão acceso, incostado a uma d'essas cadeiras que tinham posto no meio da casa ; dava todo o clarão da luz n'aquelle retratto... Minha mãe, que me trazia pela mão, põe de-repente os

olhos n'elle, e dá um grito, oh meu Deus !.. ficou tam perdida de susto, ou não sei de quê, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é ; não me respondeu : arrebatada da tocha, e leva-me com uma fôrça... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma coisa má atraz de nós. — Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz fallar mais em tal. Mas este retratto que ella não nomeia nunca de quem é, e so diz assim ás vezes : 'O outro, o outro...' este retratto, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não sahem do pensamento.

TELMO, com anciedade.

— E ésta noite ainda lidou muito n'isso?

MARIA.

— Não : desde hontem pela tarde, que ca esteve o tio Frei Jorge e a animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os governadores, minha mãe ficou outra ; passou-lhe de todo, ao menos até agora. — Mas então, vamos, tu não me dizes do retratto? Olha : *(designando o d'el-rei D. Sebastião)* aquelle do meio, bem sabes se o

conhecerei : é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade ! que testa aquella tam austera, mesmo d'um rei môço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que hade ingrandecer e cobrir de glória o seu reino ! Ello alli está... E pensar que havia de morrer ás mãos de mouros, no meio de um deserto, que n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bôcca !.. Não pôde ser, não pôde ser. Deus não podia consentir em tal.

TELMO.

Que Deus te ouvisse, anjo do ceo !

MARIA.

... Pois não ha prophecias que o dizem ? Há, e eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que alli está ; (*indica o retratto de Camões*) aquelle teu amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa terra de prodigios e bizarrias, por onde elle ia... como é ? ah, sim...

N'ũa mão sempre a espada e n'outra a penna...

TELMO.

Oh ! o meu Luiz, coitado ! bem lh'o pagaram.

Era um rapaz, mais môço do que eu, muito mais... e quando o vi a última vez... foi no alpendre de San' Domingos em Lisboa — parece-me que o estou a ver — tam mal trajado, tam incolhido... elle que era tam desimbaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado, — com aquelle ôlho que valia por dois, mas tam summido e incovado ja, que eu disse commigo: 'Ruim terra te comerá cedo, corpo da maior alma que deitou Portugal!' — E dei-lhe um abraço... foi o último... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento ca por dentro, e disse-me: 'Adeus, Telmo! San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação... que ja vejo terra, amigo' — e apontou para uma cova que alli se estava a abrir. — Os frades rezavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez, vieram-me aqui dizer: 'Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'Anna.' E ninguem mais fallou n'elle.

MARIA.

... Ninguem mais!.. Pois não lem aquelle livro que é para dar memoria aos mais esquecidos?

TELMO.

O livro sim : acceitaram-n'o como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... Quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla — escusavam de se incommodar a dizer que não.

MARIA, com enthusiasmo.

Está no ceo. — Que o ceo fez-se para os bons e para os infelizes, para os que ja ca da terra o adivinharam! — Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?.. como havia de elle então morrer? Não morreu. — (*Mudando de tom*) Mas o outro, o outro... quem é este outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancholia tam profunda... aquellas barbas tam negras e cerradas... e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida...

TELMO, deixando-se surprehender.

Pois tinha, oh se tinha...

(*Maria olha para Telmo, como quem comprehendeu, depois torna a fixar a vista no retratto; e ambos ficam deante d'elle como fascinados. No entretanto e ás últimas palavras de Maria, um homem imbuçado com o chapeo sôbre os olhos, levanta o reposteiro da direita e vem, pé ante pé, approximando-se dos dois que o não sentem.*)

SCENA II.

MARIA, TELMO E MANUEL-DE-SOUSA.

MANUEL.

Aquelle era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavalleiro.

MARIA, respondendo sem observar quem lhe falla.

Bem m'o dizia o coração!

MANUEL, desimbuçando-se e tirando o chapeo,
com muito affecto.

Que te dizia o coração, minha filha?

MARIA, reconhecendo-o.

Oh meu pae, meu querido pae! ja me não diz

mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes.*) — Ainda bem que viestes. — Mas de dia !.. não tendes receio, não ha perigo ja ?

MANUEL.

Perigo, pouco. Hontem á noite não pude vir ; e hoje não tive paciencia para aguardar todo o dia : vim bem cuberto com ésta capa...

TELMO.

Não ha perigo nenhum, meu senhor ; podeis estar á vontade e sem receio. Ésta madrugada muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se póde dizer, tudo concluido.

MANUEL.

Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha ?

MARIA.

Desde hontem está outra...

MANUEL, em acção de partir.

Vamos a vê-la.

MARIA, retendo-o.

Não, que dorme ainda.

MANUEL.

Dorme? Oh, então melhor. — Sentemo-nos aqui,

filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos; sentam-se*) Tens as mãos tam quentes! (*beija-a na testa*) E ésta testa, ésta testa!.. escalda. — Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses.

MARIA.

Enlão que heide eu fazer?

MANUEL.

Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar das flores... — E Telmo que te não conte mais historias, que te não ensine mais trovas e soláos. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se péga.

MARIA.

E então para que fazeis vós como elles?... eu bem sei que fazeis.

MANUEL, sorrindo.

Se tu sabes tudo! Maria, minha Maria. (*amimando-a*) Mas não sabías ainda agora de quem era aquelle retratto...

MARIA.

Sabía.

MANUEL.

Ah! você sabía e estava fingindo?

MARIA, gravemente.

Fingir não, meu pae. A verdade... é que eu sabia de um saber ca de dentro; ninguem m'o tinha ditto; e eu queria ficar certa.

MANUEL.

Então adivinhas, feiticeira. (*Beija-a na testa.*)
— Telmo, ide ver se chamais meu irmão; dizeilhe que estou aqui.

SCENA III.

MANUEL-DE-SOUSA E MARIA.

MANUEL.

Ora ouve ca, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mysterios nas coisas mais naturaes e singellas. E Deus intregou tudo á nossa razão, menos os segredos de sua natureza ineffavel, os de seu amor, e de sua justiça e misericordia para comnosco. Esses são os pontos sublimes e incomprehensiveis da nossa fe! Esses creem-se: tudo o mais examina-se. — Mas vamos: (*surrindo*) não dirão que sou da Ordem dos Prégadores? Hade ser d'estas paredes, é

uncção da casa : que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de San'Domingos não nos falta senão o hábito...

MARIA.

Que não faz o monge...

MANUEL.

Assim é, querida filha! Sem hábito, sem escapulario nem correa, por baixo do setim e do velludo, o cilicio póde andar tam apertado sôbre as carnes, o coração tam constricto no peito... a morte — e a vida que vem depois d'ella — tam deante dos olhos sempre, como na cella mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas emfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para ésta casa — quasi que nem ja me pèza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de San'Domíngos como de portas a dentro. — Ainda não viste d'aqui a egreja? (*Levanta o reposteiro do fundo, e chegam ambos á tribuna.*) É uma devota capella ésta. E todo o templo tam grave! dá consolação ve-lo. Deus nos deixe gozar em paz de tam boa vizinhança. (*Tornam para o meio da casa.*)

MARIA, que parou deante do retratto de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pae.

Meu pae, este retratto é parecido?

MANUEL.

Muito; é raro ver tam perfeita similhança: o ar, os ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia ver, nem lhe cabiam na tella, as nobres qualidades d'alma, a grandeza e valentia de coração, — e a fortaleza d'aquella vontade, serena mas indomavel, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece so de o ouvir nomear: era um respeito... era quasi um temor sancto que lhe tinha.

MARIA.

E lá ficou n'aquella fatal batalha!..

MANUEL.

Ficou. — Tens muita pena, Maria?

MARIA.

Tenho.

MANUEL.

Mas se elle vivesse... não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

MARIA, escondendo a cabeça no seio do pae.

Ai meu pae!

SCENA IV.

MARIA, MANUEL-DE-SOUSA, JORGE.

JORGE.

Ora alviçaras, minha dona sobrinha! venha-me já abraçar, senhora D. Maria. (*Maria beija-lhe o escapulario; e depois abraçam-se.*) Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os governadores deixam cahir o caso em esquecimento; Miguel de Moura já cedeu. — O arcebispo foi hontem a Lisboa e volta ésta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscá-lo para o acompanhar. E tu hasde vir comnosco para lhe agradecer; que não teve parte no agravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não ressentissem da offensa ou do que lhes prouve tomar como tal... deixemos isso. Volta para o convento e quasi que vem ser teu hóspede: é preciso fazer-lhe cumprimento, que no-lo merece.

MANUEL.

Se elle vem so, sem os outros...

JORGE.

So, so : os outros estão por essas quintas d'áquem do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

MANUEL.

Se intendes que posso ir...

JORGE.

Podes e deves.

MANUEL.

Vou de-certo. — E até eu preciso de ir a Lisboa : tenho negócio de importancia no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de San'Vicente ; necessito fallar com a abbadessa.

MARIA.

Oh meu pae, meu querido pae, levae-me, por quem sois comvosco. Eu queria ver a tia Joanna de Castro : é o maior gôsto que posso ter n'esta vida. Quero ver aquelle rosto... De mim não se hade tapar...

MANUEL.

E tua mãe?

MARIA.

Minha mãe dá licença, dá. Ella ja está boa... oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.

MANUEL.

E os ares maus de Lisboa?

JORGE. Isso ja acabou de todo: nem signal de peste.

— Mas enfim a prudencia...

MARIA.

A mim não se me péga nada. — Meu querido pae, vamos, vamos.

MANUEL.

Veremos o que diz tua mãe, e como ella está.

SCENA V.

MARIA, MANUEL-DE-SOUSA, JORGE;

MAGDALENA *entrando*.

MAGDALENA, correndo a abraçar a Manuel-de-Sousa.

Estou boa ja, não tenho nada, espôso da minha alma, todo o meu mal era susto; era terror de te perder.

MANUEL.

Querida Magdalena!

MAGDALENA.

Agora estou boa: Telmo ja me disse tudo, e

eurou-me com a boa nova. — Maria, Deus lembrou-se de nós: ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... (*vai a recahir na sua tristeza.*)

JORGE.

Ora pois, mana, ora pois!.. Louvado seja Elle por tudo. E hoje alegria! Que era sermos desgraçados para com o Senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguém triste n'esta casa.

MAGDALENA, fazendo por se alegrar.

Triste porquê? As tristezas acabaram. (*Para Manuel de Sousa*) Tu ficas aqui ja de vez. Não me deixas mais, não sais d'aopé de mim? — Agora, olha, estes primeiros dias ao menos, hasde-me aturar, hasde-me fazer companhia. Preciso muito, querido.

MANUEL.

Pois sim, Magdalena, sim; farei quanto quizeres.

MAGDALENA.

É que eu estou boa... boa de todo; mas tenho uma...

MANUEL.

Uma imaginação que te atormenta. Havemos de castigá-la, ainda que não seja senão para dar

exemplo a certa donzella que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito. — Pois olha : hoje é sexta-feira...

MAGDALENA.

Sexta-feira ! (*aterrada*) ai que é sexta-feira !

MANUEL.

Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana.

MAGDALENA.

Sim !

MANUEL.

É o dia da paixão de Christo, Magdalena.

MAGDALENA, cahindo em si.

Tens razão.

MANUEL.

É hoje sexta-feira : e d'aqui a oito... vamos — d'aqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. Estás contente ?

MAGDALENA.

Meu espôso, meu marido, meu querido Manuel !

MANUEL.

E tu, Maria ?

MARIA, amuada.

Eu não.

MANUEL, para Magdalena.

Queres tu saber porque é aquelle amuo? É que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

MAGDALENA.

A Lisboa... hoje!

MANUEL.

Sim: e não posso deixar de ir. Sabes que por fins d'esta minha pendencia com os governadores, eu fiquei em dívida — quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo! — Mas o certo é que fiquei em muita dívida ao arcebispo. Elle volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vai com outros religiosos para o acompanharem, intende que eu tambem devo ir. Bem ves que não ha remedio.

MAGDALENA.

Logo hoje!.. Este dia de hoje é o peor... se fosse ámanhan, se fosse passado hoje!.. E quando estaras de volta?

JORGE.

Estamos aqui sem falta á bôcca da noite.

MAGDALENA, fazendo por se resignar.

Paciencia : ao menos valha-nos isso ! Não me deixam aqui so outra noite... ésta noite, particularmente, não fico so...

... MANUEL.

Não, socega ; não : estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio d'aopé de ti. E não serão quinze dias ; vinte, os que tu quizeres.

MARIA.

Então vou, meu pae, vou? — Minha mãe dá licença, dá?

MAGDALENA.

Vais aonde, filha? que dizes tu?

MARIA.

Com meu pae que tem de ir ao Sacramento, de caminho. — E bem sabeis, querida mãe, o que eu ando ha tanto tempo para ir áquelle convento para conhecer a tia D. Joanna...

JORGE.

Soror Joanna : assim é que se chama agora.

MARIA.

É verdade. E andam-me a prometter, ha um anno, que me hão de levar lá... D'esta vez hão de-m'o cumprir... não é assim, minha mãe? (*aca-*

rinhando-a) minha querida mãesinha! — Sim, sim, dissei ja que sim.

MAGDALENA, abraçada com a filha.

Oh Maria, Maria... tambem tu me queres deixar! — tambem tu me desamparas... e hoje!

MARIA.

Venho logo, minha mãe, venho logo. — Olha; e não tenhais cuidado commigo: vai meu pae, vai o tio Jorge, — levo a minha aia, a Dorothea... E, é verdade, o meu fiel escudeiro hade ir tambem, o meu Telmo.

MAGDALENA.

E tua mãe, filha, deixa-la aqui so, a morrer de tristeza? (*á parte*) e de medo!

MANUEL.

Tua mãe tem razão: não hade ser assim; hoje não póde ser. (*Maria fica triste e desconsolada.*)

JORGE.

Ora pois; eu ja disse que não queria ver hoje ninguem triste n'esta casa. — Venha ca a minha donzella dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E va, va satisfazer es-

sa louvavel curiosidade que tem de ir ver aquella sancta freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir interrarr n'um claustro. Va, e venha... melhor de coração, não póde ser — que tu es boa como as que são boas, minha Maria — mas quero-te mais fria da cabeça : ouves ?

MARIA, áparte.

Fria !.. quando ella estiver ôca ! — (*Alto*) Vou-me apromptar, minha mãe ?

MAGDALENA, sem vontade.

Se teu pae quer...

MANUEL.

Dou licença : vai. (*Maria sai a correr*).

SCENA VI.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA, JORGE.

MANUEL.

É preciso deixá-la espairecer, mudar de logar, distrahir-se : aquelle sangue está em chammass, arde sôbre si e consomme-se, a não o deixarem correr á vontade. — Hade vir melhor : verás.

MAGDALENA.

Deus o queira! — Telmo que va com ella : não
o quero ca.

MANUEL.

Porquê?

MAGDALENA.

Porque... Maria... Maria não está bem sem el-
le — e elle também... em estando sem Maria —
que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho,
— sabes? ja treslê muito... ja está muito... e en-
tra-me com scismas que...

MANUEL.

Está, está muito velho, coitado! Pois que va :
melhor é.

SCENA VII.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA, JORGE ;

MARIA *entrando com* TELMO

E DOROTHEA.

MARIA.

Então vamos, meu pae.

MANUEL.

Pois vamos.

JORGE.

E são horas ; vão. A Ribeira é um pedaço de rio ; e até ás sette, o mais, tu precisas de estar de volta á porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres á espera do arcebispo. — Eu ca me desculparei com o prior. Vão.

MARIA.

Minha mãe ! *(abracaando-a)* Então, se chorais assim, não vou.

MANUEL.

Nem eu, Magdalena. Ora pois ! Eu nunca te vi assim.

MAGDALENA.

Porque nunca assim estive... — Vão, vão... adeus ! — Adeus, espôso do meu coração ! — Maria, minha filha, toma sentido no ar, não te resfries. E o sol... não saias debaixo do toldo no bergantim. Telmo, não te tires d'aopé d'ella. — Dá-me outro abraço, filha. — Dorothea, levais tudo ? *(examina uma bolsa grande de damasco que Dorothea leva no braço)* Póde haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde... *(tendo examinado a bolsa)* Vai tudo : bem ! — *(Baixo a Dorothea)* Não me apartes os olhos d'ella,

Dorothea. Ouve. (*falia baixo a Dorothea, que lhe responde baixo tambem; depois diz alto*) Está bom.

MANUEL.

Não tenhas cuidado; vamos todos com ella.
 (*Abraçam-se outra vez; Maria sai apressadamente, e para a mãe não ver que vai suffocada com choro.*)

SCENA VIII.

MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA,
 JORGE.

MAGDALENA, seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel-de-Sousa.

Cuidados!... eu não tenho ja cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar so... de vir a achar-me so no mundo...

MANUEL.

Magdalena!

MAGDALENA.

Que queres? não está na minha mão. — Mas tu tens razão de te infadar com as minhas imper-

tinencias. Não fallemos mais n'isso. Vai. Adeus!
— Outro abraço. Adeus!

MANUEL.

Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora imbarcar n'um galeão para a India... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou. — E Jesus!.. Olha a condessa de Vimioso, ésta Joanna de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer... olha se ella faria esses prantos quando disse o último adeus ao marido...

MAGDALENA.

Bemditta ella seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lh'a invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

JORGE.

E perfeição verdadeira; é a do Evangelho: deixa tudo e segue-me.

MAGDALENA.

Vivos ambos... sem offensa um do outro, querendo-se, estimando-se... e separar-se cada um para sua cova! Verem-se com a mortalha ja vestida — e... vivos, sãos... depois de tantos annos de amor... e convivencia... condemnarem-se a

morrer longe um do outro — sos, sos! — e quem sabe se n'essa tremenda hora... arrependidos!

JORGE.

Não o permittirá Deus assim... oh, não. Qu horrivel coisa seria!

MANUEL.

Não permite, não. — Mas não pensemos mais n'elles: estão intregues a Deus... *(pausa)* E que temos nós com isso? A nossa situação é tam differente... *(pausa)* Em todas nos póde Elle abençoar. — Adeus, Magdalena, adeus! até logo. Maria ja lá vai no caes a ésta hora... adeus! — Jorge, não a deixes.

(Abraçam-se; Magdalena vai até fóra da porta com elle.)

SCENA IX.

JORGE so.

Eu faço por estar alegre, e queria vê-los contentes a elles... mas não sei ja que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha... até meu irmão o desconheço! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraca... E eu quasi que

tambem ja se me péga o mal. Deus seja com-nosco!

SCENA X.

JORGE, MAGDALENA.

MAGDALENA, fallando ao bastidor.

Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desimbarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. (*Vem para a scena.*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

JORGE.

Não, hoje não tem perigo.

MAGDALENA.

Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça... É um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez — faz annos que se perdeu elrei D. Sebastião — e faz annos tambem que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

JORGE.

Pois contaes essa entre as infelicidades de vossa vida?

MAGDALENA.

Conto. Este amor — que hoje está sanctificado e bemditto no ceo, porque Maanuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi — hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! — D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bócca não o disse... os olhos não sei o que fizeram: mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que ãa mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao espóso. — Permittiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que n'aquella funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João...

SCENA XI.

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA.

MIRANDA, apressado.

Senhora... minha senhora!

MAGDALENA, sobresaltada.

Quem vos chamou, que quereis? — Ah! es tu, Miranda. Como assim! ja chegaram?... Não póde ser.

MIRANDA.

Não, minha senhora: ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

MAGDALENA.

Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os ver chegar?

MIRANDA.

Para lá tórno ja, minha senhora: ha tempo de sobejo. — Mas, venho trazer-yos recado... um estranho recado, por minha fe.

MAGDALENA.

Dizei ja, que me estais a assustar.

MIRANDA.
Para tanto não é; nem coisa séria, antes quasi para rir. É um pobre velho peregrino, um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêem das bandas d'Hespanha...

MAGDALENA.
Um captivo... um remido?

MIRANDA.
Não, senhora, não traz a cruz, nem é: é um romeiro — algum d'estes que vão a Sant'Iago: mas diz elle que vem de Roma e dos Sanctos-Logares.

MAGDALENA.
Pois coitado! virá. Agasalhae-o; e dem-lhe o que precisar.

MIRANDA.
É que elle diz que vem da Terra-Sancta, e...

MAGDALENA.
E porque não virá? — Ide, ide, e fazei-o accommodar ja. — É velho?

MIRANDA.
Muito velho — e com umas barbas!.. Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas. —

Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado...

MAGDALENA.

A mim!

MIRANDA.

A vós; e que por força vos hade ver e fallar.

MAGDALENA.

Ide vê-lo, Frei Jorge. Ingano hade ser: mas ide ver o pobre do velho.

MIRANDA.

É escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dara senão a vós, e que muito vos importa sabê-lo.

JORGE.

Eu sei o que é: alguma reliquia dos Sanctos Logares — se elle com-effeito de lá vem! — que o bom do velho vos quer dar... como taes cousas se dão a pessoas da vossa qualidade... a trôco de uma esmolla avultada. É o que elle hade querer: é o costnme.

MAGDALENA.

Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei,

SCENA XII.

MAGDALENA, JORGE.

JORGE.

Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapeo e o bordão na mão, ás vezes, não são mais do que negaças para armar á charidade dos fieis. E n'estes tempos revoltos...

SCENA XIII.

MAGDALENA, JORGE; e MIRANDA *que volta com o ROMEIRO.*

MIRANDA, da porta.

Aqui está o romeiro.

MAGDALENA.

Que entre. E vós, Miranda, tornaes para onde vos mandei: ide ja, e fazei como vos disse.

JORGE, chegando á porta da direita.

Entrae, irmão, entrae. (*O romeiro entra de vagar.*) Ésta é a senhora D. Magdalena de Vilhena, — É ésta a fidalga a quem desejaiis fallar?

ROMEIRO.

A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se.)

SCENA XIV.

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO.

JORGE.

Sois portuguez?

ROMEIRO.

Como os melhores, espero em Deus.

JORGE.

E vindes?..

ROMEIRO.

Do Sancto-Sepulchro de Jesu Christo.

JORGE.

E visitastes todos os Sanctos-Logares?

ROMEIRO.

Não os visitei; morei la vinte annos cumpri-
dos.

MAGDALENA.

Sancta vida levastes, bom romeiro.

ROMEIRO.

Oxalá! — Padecei muita fome, e não a soffri com paciencia: deram-me muitos trattsos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar nos mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixavam estar com Deus, nem n'aquella terra que é toda sua. — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

JORGE.

Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando for sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.

ROMEIRO.

Eu não tenho filhos, padre.

JORGE.

No seio da vossa familia...

ROMEIRO.

A minha familia... Já não tenho familia.

MAGDALENA.

Sempre ha parentes, amigos...

ROMEIRO.

Parentes!.. Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella: hão de jurar que me não conhecem.

MAGDALENA.

Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

ROMEIRO.

Necessidade póde muito. — Deus lh'o perdoará, se poder!

MAGDALENA. —

Não façais juizos temerarios, bom romeiro.

ROMEIRO.

Não faço. — De parentes, ja sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.

JORGE.

Ja não sois tam infeliz.

MAGDALENA.

E o que eu poder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que poder dar-vos, contaes comuigo, bom velho, e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...

ROMEIRO.

Eu ja vos pedi alguma coisa, senhora?

MAGDALENA.

Pois perdoae, se vos offendi, amigo.

ROMEIRO.

Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. — Pedi-lhe vós perdão a Elle, que vos não faltará de quê.

MAGDALENA.

Não, irmão, não decerto. E elle tera compaixão de mim.

ROMEIRO.

Tera...

JORGE, cortando a conversação.

Bom velho, dissestes trazer um recado a ésta dama: dae-lh'o ja, que haveis mister de ir descansar...

ROMEIRO, sorrindo amargamente.

Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me tem ouvido? Fizestes bem, padre: eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

MAGDALENA.

Deixae, deixae, não importa; eu folgo de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, ámanhan...

ROMEIRO.

Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanso, nem pousei ésta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno — quando me libertaram, dei juramento sôbre a pedra sancta do Sepulchro de Christo...

MAGDALENA.

Pois ereis captivo em Jerusalem?

ROMEIRO.

Era: não vos disse que vivi lá vinte annos?

MAGDALENA.

Sim, mas...

ROMEIRO.

Mas o juramento que dei foi que, antes de um anno cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

MAGDALENA, atterrada.

E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO.

Um homem foi, — e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguem* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MAGDALENA.

Como se chama?

ROMEIRO.

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a *ninguem* no captiveiro.

MAGDALENA.

Mas emfim, dizei vós...

ROMEIRO.

As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrymas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por éstas faces. Ninguém o consolava, senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE.

Homem, acabou.

ROMEIRO.

Agora acabo: soffrei, que elle tambem soffreu muito. — Aqui estão as suas palavras: 'Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal!... e d'aqui não pôde sabir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.'

MAGDALENA, na maior anciedade.

Deus tenha misericordia de mim! — E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-n'o ahi de donde?... de Africa?

ROMEIRO.

Levaram.

MAGDALENA.

Captivo?...

ROMEIRO.

Sim.

MAGDALENA.

Portuguez?... captivo da batalha de?...

ROMEIRO.

De Alcacer-Kebir.

MAGDALENA, espavorida.

Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pes?... que não cahem éstas paredes, que me não sepultam ja aqui?...

JORGE.

Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio... éstas não são cousas para se crerem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma idea que lhe acudiu de repente*) Oh! inspiração divina... (*chegando ao romeiro*) Conheceis bem esse homem, romeiro: não é assim?

ROMEIRO.

Como a mim mesmo.

JORGE.

Se o vireis... ainda que fóra n'outros trajos... com menos annos — pintado, digamos — conhecê-lo-heis?

ROMEIRO.

Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.

JORGE.

Procurae n'esses retrattos, e dizei-me se algum d'elles póde ser.

ROMEIRO, sem procurar, e apontando logo para o retratto de D. João.

É aquelle.

MAGDALENA, com um grito espantoso.

Minha filha, minha filha, minha filha!... (*em tom cavo e profundo*) Estou... estás... perdidas, deshonoradas... infames! (*com outro grito do coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*foge espavorida e n'este gritar.*)

SCENA XV.

JORGE; E O ROMEIRO *que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.*

JORGE.

Romeiro, romeiro! quem es tu?

ROMEIRO, apontando com o bordão para o retratto de D. João de Portugal.

Ninguem.

(*Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos, deante da tribuna. O panno desce lentamente.*)

ACTO I

MANUEL DE SOUSA, lembrado a um tamborete no
 de de mais, o rosto inclinado sobre a pelle, os
 braços estendidos e em companhia de outros
 isto e de corpo; a um tamborete de outro lado
 JORGE mais inclinado para a mesa com os olhos
 postos, e os olhos pregados no tamborete.

ACTO TERCEIRO.

Parte baixa do palacio de D. João de Portugal, com-
 municando, pela porta á esquerda do espectador,
 com a capella da Senhora-da Piedade na egreja de
 San' Paulo dos Dominicanos d'Almada: é um casarão
 vasto sem ornato algum. Arrumadas ás paredes, em
 diversos pontos, escadas, tocheiras, cruces, ciriaes e
 outras alfaias e guizamentos d'egreja de uso conheci-
 do. A um lado um esquife dos que usam as confrarias:
 do outro uma grande cruz negra de tábua com
 o letreiro J. N. R. J., e toalha pendente, como se
 usa nas cerimoniaes da semana-sancta. Mais para a
 scena uma banca velha com dous ou tres tamborettes;
 a um lado uma tocheira baixa com tocha accesa e ja
 bastante gasta; sobre a mesa um castiçal de chumbo,
 de credencia, baixo e com vela accesa tambem, — e
 um hábito completo de religioso dominico, tunica,
 escapulario, rosario, cinto etc. No fundo porta que
 dá para as officinas e aposentos que occupam o resto
 dos baixos do palacio. — É alta noite.

SCENA I.

MANUEL-DE-SOUSA, *sentado n'um tamborete ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços cahidos e em completa prostração d'espírito e de corpo; n'um tamborete do outro lado*
 JORGE *meio incostado para a mesa com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.*

MANUEL.

Oh minha filha, minha filha! (*silencio longo*)
 Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e de mãe... (*pausa*)... e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... (*levanta-se com violenta afflicção*) A desgraçada nunca os teve! — Oh Jorge, que ésta lembrança é que me mata, que me desespera! (*apertando a mão do irmão que se levantou após d'elle e o está consolando do gesto*) É o castigo terrivel do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão!

JORGE.

Paciencia, paciencia: os seus juizos são im-

perscrutaveis. (*Acalma e faz sentar o irmão; tornam a ficar ambos como estavam.*)

MANUEL.

Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, pôsto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, o filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho de nosso pae, Jorge!

JORGE.

Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste que ainda está vivo aquelle...

MANUEL, cahindo em si.

É verdade. (*Pausa; e depois, como quem se desdiz*) Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas... (*levantando a voz*) Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha quéda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras, e que não tinham córado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cubri-lh'as de um veo d'infamia que nem a morte hade levantar, porque lhe fica, perpétuo e para

sempre, lançado sôbre o tumulto a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam! — Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

JORGE.

Ve a palavra que disseste: 'deshonra:' lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear miserias com esse homem a quem Deus não quiz accudir com a morte antes de conhecer es's'outra agonia maior. — Elle não tem...

MANUEL.

Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... (pausa) — uma filha bella, pura, adorada, sôbre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vai cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

JORGE.
 Não é assim, meu irmão, não te cegues com a dor, não te faças mais infeliz do que es. Já não es pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! e Deus hade levar em conta essas amarguras. Já que te não pôde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, hade ser descontado n'ella, hade resgatar a culpa...

MANUEL.

Resgate! sim, para o ceo: n'esse confio eu... mas o mundo?..

JORGE.

Deixa o mundo e as suas vaidades.

MANUEL.

Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

JORGE.

Deus, Deus será o pae de tua filha.

MANUEL.

Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespêro, é a coroa d'espinhos de toda esta paixão que estou passan-

do... é que a minha filha... Maria... a filha do meu amor — a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado — não vive, não resiste, não sobrevive a ésta affronta. (*Desata a soluçar, cai com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detraz d'elle, amparando-o com seu corpo, e os olhos postos no ceo.*)

JORGE, chamando timidamente.

Manuel!

MANUEL.

Que me queres, irmão?

JORGE, animando-o.

Ella não está tam mal: ja lá estive hoje...

MANUEL.

Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir ver.

JORGE.

Haverá duas horas que entrei na sua camera, e estive aopé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado, — parecia declinar... quebrar-se

mais alguma coisa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!.. estavam aopé della, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

MANUEL.

A lançar sangue?... Se ella deitou o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tam franzino, tam delgado, que mais sangue hade haver? — Quando hontem a arranquei d'aopé da mãe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás golfadas aqui no peito? (*mostra um lenço branco todo manchado de sangue*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha victima?... que é o sangue das minhas veias... que é sangue da minha alma — é o sangue da minha querida filha! (*beija o lenço muitas vezes*) Oh meu Deus, meu Deus! eu queria pedir-te que a levasses ja... e não tenho ânimo. Eu devia accetar por mercê de tuas misericordias que chamasses aquelle anjo para juncto dos teus, antes que o mundo, este mundo infame e sem commiseração, lhe cuspiisse na cara com a desgraça do seu nascimento. — Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu

9

Deus (*ajoelha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida... vida para ella, vida para a minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!.. e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escarneo do mundo, deshonne-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas eras deshonna e infamia sôbre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cai de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi a péso, e o torna a assentar.*)

JORGE.

Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convem a todos: põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'ô resignado e constricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

MANUEL, com vehemencia e medo.

Então desinganas-me... desinganas-me ja?... é isso que queres dizer? Falla, homem: não ha que esperar?... não ha que esperar d'alli, não é assim? dize: morre, morre?... (*desanimado*) Também ficou sem filha!

JORGE.

Não disse tal. Por charidade contigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

MANUEL, variando.

Se Deus quizera que não acordasse!

JORGE.

Valha-me Deus!

MANUEL.

Para mim aqui está ésta mortalha: (*tocando no hábito*) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veio do ceo para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada donde viera e onde me conduzia... Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das íras do Senhor que derramou sôbre mim o vaso cheio das lagrymas³, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua chole-
ra... (*Cahindo de tom*) Vou com ésta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, ca deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram,

que a não hãode conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... *(pausa)* — Torna lá, Jorge, vai vê-la outra vez, vai e vem-me dizer; que eu ainda não posso... mas heide ir, oh! heide ir vê-la e beijá-la antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

JORGE.

Havemos de ir... quando estiveres mais socegado... havemos de ir ambos: descança, hasde vê-la — Mas isto linda é ceño.

MANUEL...
Que horas serão?

JORGE...
Quatro, quatro e meia. *(Vai á porta da esquerda e volta.)*

São cinco horas, pelo alvor da manhan que ja dá nos vidros da igreja. D'aqui a pouco iremos; mas socega.

MANUEL...
E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

JORGE...
Está — imagina por ti — está como não podia

deixar de estar: mas a confiança em Deus póde muito: vai-se conformando. O Senhor fará o resto. — Eu tenho fe n'este escapulario *(tocando no*

hábito em cima da mesa) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar; ainda póde haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

Não, homem! é o MANUEL.

E isso está tudo prompto? Eu não soffro n'estes hábitos, eu não laturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

JORGE.

Está tudo concluído. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião; e é um sancto homem, é. O arcebispo já expediu todas as licenças e papeis necessarios. Coitado! o pobre do velho velou quasi toda a noite com o seu vigario para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e ca está: é quem te hade lançar o hábito, a ti e a Dona... a minha irman. — Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

MANUEL.

Tu es um bom irmão, Jorge: (*aperta-lhe a mão*) Deus t'o hade pagar. (*pausa*) Eu não me atrevo... tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está *elle*... e o que fará!..

JORGE.

Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cella, e de lá não hade sahir — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lh'o disser. Descança: não verá ninguem, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem ver. Demais, o segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti — além do arcebispo, a quem foi indispensavel communicá-lo para evitar todas as formalidades e delongas que alias havia de haver n'uma separação d'esta ordem. — Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti — não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accôrdo algum — com quem lhe prometti que havia de fallar hoje e antes de mais nada.

MANUEL.

Quem? será possivel?... Pois esse homem querer a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pe-

daços d'aquelle coração ja partido? — Não tem intranhas esse homem : sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada. — É D. Magdalena que elle quer ver?..

JORGE.

Não, homem : é o seu aio velho, é Telmo-Paes. Como lh'o havia de eu recusar?

MANUEL.

De nenhum modo : fizeste bem ; eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!.. — Vamos ; eu ainda me não intendo bem claro com ésta desgraça : dize-me, falla-me a verdade : minha mulher... — minha mulher ! com que bôcca pronuncio eu ainda éstas palavras ! — D. Magdalena o que sabe?

JORGE.

O que lhe disse o romeiro n'aquella fatal sala dos retrattos... o que ja te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde : suppõe-n'o na Palestina talvez ; é onde o deve suppor pelas palavras que ouviu.

MANUEL.

Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitavel verdade da nossa desgraça.

Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

JORGE.

Hontem de tarde não : mas ésta noite começava a raiar-lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe, se é para bem seu.

MANUEL.

Porque não hade deixar? Não é ja desgraçada bastante? — E Maria, a pobre Maria!.. essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora...

JORGE.

Não sabe. E ninguem lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu : a mãe quasi nas agônias da morte. Mas o motivo, so se o ella adivinhar. — Tenho medo que o faça...

MANUEL.

Tambem eu.

JORGE.

Deus será connosco e com ella! — Mas não : Telmo não lhe diz nada por certo; eu ja lhe asseverei — e acreditou-me — que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la... E assim espero que, até lá por meio do dia, a possamos conservar em

completa ignorancia de tudo. Depois ir-se-lhe-ha dizendo, pouco a pouco, até onde for inevitavel. E Deus... Deus acudirá.

MANUEL.

Minha pobre filha, minha querida filha !

SCENA II.

JORGE, MANUEL-DE-SOUSA, TELMO.

TELMO, batendo de fóra á porta do fundo.

Acordou.

MANUEL, sobressaltado.

É a voz de Telmo.

JORGE.

É. (*inda abrir a porta*) Entrae, Telmo.

TELMO.

Acordou.

JORGE.

E como está?

TELMO.

Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como d'antes e sem

aquelle fusilar de hontem. Perguntou por vós...
ambos.

MANUEL.

E pela mãe?

TELMO.

Não: nunca mais fallou n'ella.

MANUEL.

Oh filha, filha!..

JORGE.

Iremos vê-la: (*péga na mão do irmão*) Tu promettes-me?..

MANUEL.

Prometto.

JORGE.

Vamos. — (*Chamando a Telmo para a bôcca da scena*) Ouvi, Telmo: lembrais-vos do que vos disse ésta manhan?

TELMO.

Não me heide lembrar?

JORGE.

Ficae aqui. Em nós sabindo, puchae aquella corda que vai dar á sineta da sacristia: virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, elle ir-se-ha sem mais palavra, e vós esperac. Fechae

logo ésta porta por dentro, e não abrais senão á minha voz. Intendestes?

TELMO.

Ide descansado.

SCENA III.

TELMO, depois o IRMÃO CONVERSO.

TELMO, vai para deitar a mão á corda, pára suspenso algum tempo; e depois:

Vamos: isto hade ser. (*Ouve-se tocar longe uma sineta: Telmo fica pensativo e com o braço alevantado e immovel.*)

CONVERSO.

Quem sois?

TELMO, estremecendo.

Telmo-Paes.

(*O converso faz venia e vai-se.*)

SCENA IV.

TELMO so.

Virou-se-me a alma toda com isto: não sou ja o mesmo homem. Tinha um presentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de succeder... e cuidei que o desejava em quanto não veio. — Veio, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguém! — Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor está vivo... o filho que eu criei n'estes braços... vou saber novas certas d'elle — no fim de vinte annos de o julgarem todos perdido — e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda... — era um milagre que eu esperava sem o crer! Eu agora tremo... É que o amor d'est'outra filha, d'esta última filha, é maior, e venceu... venceu, apagou o outro. Perdoe-me Deus, se é peccado. Mas que peccado hade haver com aquelle anjo? — Se me ella vivirá, se escapará d'esta crise terrivel! — Meu Deus, meu Deus! (*ajoelha*) leve o velho que ja não presta para nada, leve-o por

quem sois! (*Apparece o romeiro á porta da esquerda, e vem lentamente approximando-se de Telmo que não dá por elle.*) Contentae-vos com este pobre sacrificio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o innocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós... mas ainda não, não m'o leveis ainda. Já padeceu muito, já traspassaram bastantes dores aquella alma: esperae-lhe com a da morte algum tempo!...

SCENA V.

TELMO E O ROMEIRO.

ROMEIRO.

Que não oiça Deus o teu rôgo!

TELMO, sobressaltado.

Que voz! — Ah! é o romeiro. — Que me não oiça Deus! porquê?

ROMEIRO.

Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que criaste?

TELMO, áparte.

Já não sei pedir senão pela outra. (*Alto*) E que

pedisse por elle, ou por outrem, porque me não hade ouvir Deus, se lhe peço a vida de um innocente?

ROMEIRO.

E quem te disse que elle o era?

TELMO.

Ésta voz... ésta voz! — Romeiro, quem és tu?

ROMEIRO, tirando o chapeo e alevantando o cabello dos olhos.

Ninguem, Telmo, ninguem, se nem ja tu me conheces.

TELMO, deitando-se-lhe ás mãos para lh'as beijar.

Meu amo, meu senhor... sois vós? — sois, sois. — D. João de Portugal, oh, sois vós senhor?

ROMEIRO.

Teu filho ja não?

TELMO.

Meu filho!.. oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto... So éstas barbas, este cabello não... Mais branco ja que o meu, senhor!

ROMEIRO.

São vinte annos de captiveiro e miseria, de saudades, de áncias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veio de-

pois da batalha d'Alcacer ; a barba, acabaram de curar o sol da Palestina e as aguas do Jordão.

TELMO.

Por tam longe andastes?

ROMEIRO.

E por tam longe eu morrêra ! — Mas não quiz Deus assim.

TELMO.

Seja feita a sua vontade.

ROMEIRO.

Pêza-te?

TELMO.

Oh, senhor !

ROMEIRO.

Pêza-te.

TELMO.

Hade-me pezar da vossa vida? (*À parte*) Meu Deus, parece-me que menti...

ROMEIRO.

E porque não, se ja me pêza a mim d'ella, se tanto me pésa ella a mim? — Amigo, ouve... Tu es meu amigo?

TELMO.

Não sou?

ROMEIRO.

Es: bem sei. E comtudo, vinte annos d'ausencia, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os velhos!... — Mas tu es meu amigo. E se tu o não fôras, quem o sería?

TELMO.

Senhor!

ROMEIRO.

Eu não quiz acabar com isto, não quiz pôr em effeito a minha última resolução sem fallar comtigo, sem ouvir da tua bôcca...

TELMO.

O que quereis que vos diga, senhor? — Eu...

ROMEIRO.

Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quizeste ceder a nenhuma evidencia: não me admirou de ti, meu Telmo. Mas tambem não posso — Deus me ouve — não posso criminar ninguem porque o acreditasse: as provas eram de convencer todo o ânimo; so lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro.

TELMO.

Sois injusto.

ROMEIRO.

Bem sei o que queres dizer. — E é verdade isso? é verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte... ella mandou mensageiros, dinheiro?

TELMO.

Como é certo estar Deus no céu, como é verdade ser aquella a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

ROMEIRO.

Basta: vai dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguem mais houve novas d'elle; que tudo isto foi vil e grosseiro imbuste dos inimigos de... dos inimigos d'esse homem que ella ama... E que socegue, que seja feliz. — Telmo, adeus!

TELMO.

E eu heide mentir, senhor, eu heide renegar de vós, como ruim villão que não sou?

ROMEIRO.

Hasde, porque eu te mando. —

TELMO, em grande anciedade.

Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo. É que vós não sabeis... D. João,

meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

ROMEIRO.

O quê?

TELMO.

Que ha aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu tambem criei...

ROMEIRO.

E a quem ja queres mais que a mim: dize a verdade.

TELMO.

Não m'o pergunteis.

ROMEIRO.

Nem é preciso. Assim devia de ser. Tambem tu! — Tiraram-me tudo. (*Pausa*) — E teem um filho elles?... — Eu não... — E mais, imagino... Oh passaram hoje peor noite do que eu. Que lh'o leve Deus em conta e lhes perdoe como eu perdoei ja. — Telmo, vai fazer o que te mandei.

TELMO.

Meu Deus, meu Deus! que heide eu fazer?

ROMEIRO.

O que te ordena teu amo. — Telmo dá-me um abraço. (*abraçam-se*) Adeus, adeus até...

TELMO, com anciedade crescente.

Até quando, senhor?

ROMEIRO.

Até ao dia de juizo.

TELMO.

Pois vós?..

ROMEIRO.

Eu... — Vai, saberás de mim quando for tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê? — D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que elle morrêra. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que elle amava... oh Telmo, Telmo, com que amor a amava eu! — Sua mulher que elle ja não póde amar sem deshonra e vergonha!... Na hora em que ella acreditou na minha morte, n'essa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do número dos vivos. D. João de Portugal não hade deshonar a sua viuva. Não: vai; ditto por ti terá dobrada fôrça: dize-lhe que fallaste com o ro-

meiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor... dize o que quizeres, mas salva-a a ella da vergonha, e ao meu nome da affronta. De mim ja não ha senão esse nome, ainda honrado; a memoria d'elle que fique sem mancha. — Está em tuas mãos, Telmo, intrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

TELMO.

Não, meu senhor: a resolução é nobre e digna de vós. Mas póde ella aproveitar ainda?

ROMEIRO.

Porque não?

TELMO.

Eu sei! — Talvez...

SCENA VI.

ROMEIRO, TELMO; E MAGDALENA *de fóra á porta do fundo.*

MAGDALENA.

Espôso, espôso! abri-me, por quem sois. Bem sei que aqui estais: abri.

ROMEIRO.

É ella que me chama. Sancto Deus! Magdalena que chama por mim...

TELMO.

Por vós!

ROMEIRO.

Pois por quem?... não lhe ouvis gritar: — ‘es-pôso, espôso?’

MAGDALENA.

Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me déste, pelas memórias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este último favor,

ROMEIRO.

Que incanto, que seducção! Como lhe heide resistir!

MAGDALENA.

Meu marido, meu amor, meu Manuel!

ROMEIRO.

Ah!... E eu tam cego que ja tomava para mim!... — Ceo e inferno! abra-se ésta porta...
(*investe para a porta com impeto; mas para de repente*) Não: o que é ditto, é ditto. (*Vai pre-*

cipitadamente á corda da sineta, toca com violencia; apparece o mesmo irmão converso, e a um signal do romeiro ambos desaparecem pela porta da esquerda.)

SCENA VII.

TELMO, MAGDALENA; depois JORGE
E MANUEL-DE-SOUSA.

MAGDALENA, ainda de fóra.

Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estais ahi, que eu bem sei; abri-me por charidade, deixae-me dizer uma unica palavra a meu... a vosso irmão: — e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... (*Ouve-se do mesmo lado ruido de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge.*)

JORGE, de fóra.

Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri ja.

TELMO, abrindo a porta.

Aqui estou eu so.

MAGDALENA, entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa.

Estaveis aqui so, Telmo! E elle para onde foi?

TELMO. (Cantando...) Magdalena...

Elle quem, senhora?

JORGE, vindo á frente.

Telmo estava aqui aguardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguem em quanto eu não viesse.

MAGDALENA. Olha: ou sei?

Aqui havia duas vozes que fallavam: distinctamente as ouvi.

TELMO, atterrado. um comecio...

Ouvistes?

MAGDALENA.

Sim, ouvi. Onde está elle, Telmo? onde está meu marido... Manuel de Sousa?

MANUEL, que tem estado no fundo, em quanto Magdalena, sem o ver, se adiantára para a scena, vem agora á frente.

Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

MAGDALENA.

Oh que ar, que tom, que modo esse com que me fallas!...

[MANUEL, internecendo-se.

Magdalena... (*Calhando em si e gravemente*) Senhora, como quereis que vos falle, que quereis que vos diga?—Não está tudo ditto entre nós?

MAGDALENA.

Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha: eu sei?... mas não dariamos nós, com demasiada precipitação, uma fe tam cega, uma crença tam implicita a essas mysteriosas palavras de um romeiro, um vagabundo... um homem emfim que ninguem conhece? Pois dize...

TELMO, áparte a Jorge.

Tenho que vos dizer, ouvi. (*Conversam ambos áparte.*)

MANUEL.

Oh Magdalena, Magdalena! não tenho mais nada que te dizer.—Crê-me, que t'o juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossivel.

JORGE, continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza.

É impossivel j'agora... — e sempre o devia ser.

MAGDALENA, virando-se para Jorge.

Tambem tu, Jorge?

JORGE, virando-se para ella.

Eu fallava com Telmo, minha irman. — (*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá. (*Falla-lhe ao ouvido; depois alto*) Não m'a deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal.

(*Telmo sai com repugnancia, e rodeando para ver se chega aopé de Magdalena. Jorge, que o percebe, faz-lhe um signal imperioso; elle recúa, e finalmente se retira pelo fundo.*)

SCENA VIII.

MAGDALENA, MANUEL-DE-SOUSA,

JORGE.

Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, não dais nenhum pêso ás minhas dúvidas?

JORGE.

Tomára eu ser tam feliz que pudesse, querida irman.

MAGDALENA.

Pois intendeis?..

MANUEL.

Magdalena... senhora! Todas éstas cousas são ja indignas de nós. — Até hontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fe e seguridade de nossas consciencias. Essa acabou. Para nós ja não ha senão éstas mortalhas, (*tomando os habitos de cima da banca*) e a sepultura d'um claustro. — A resolução que tomámos é a unica possivel; e ja não ha que vol-

tar atrás... Ainda hontem fallavamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh incompreensíveis mysterios de Deus! — Animo, e ponhamos os olhos n'aquella cruz! — Pela última vez, Magdalena... pela derradeira vez n'este mundo, querida... (*vai para a abraçar e recúa*) Adeus, adeus! (*Foje precipitadamente pela porta da esquerda.*)

SCENA IX.

MAGDALENA, JORGE; CÔRO DOS FRÁDES *dentro*.

MAGDALENA.
Ouve, espera; uma so, uma so palavra: Manuel de Sousa!.. (*Toca o organ dentro.*)

CÔRO, *dentro*.

De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam.

MAGDALENA, indo abraçar-se com a cruz.

Oh Deus, Senhor meu! pois ja, ja? nem mais um iustante, meu Deus? — Cruz do meu Redemptor, oh cruz preciosa, refúgio d'infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos n'este

mundo, e ja não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espectáculo de dor e d'espanto para o ceo e para a terra! — Tomae, Senhor, tomae tudo... — A minha filha tambem?.. oh! a minha filha, a minha filha... tambem essa vos dou, meu Deus. — E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o organ outra vez.*)

CÓRO, dentro.

Fiant aures tuæ intendentés; in vocem deprecationis meæ.

JORGE.

Vinde, minha irman, é a voz do Senhor que vos chama. Vai começar a sancta cerimonia.

MAGDALENA, inchugando as lagrymas e com resolução.

Elle foi?

JORGE.

Foi sim, minha irman.

MAGDALENA, levantando-se.

E eu vou. (*Sahem ambos pela porta do fundo.*)

SCENA X.

Corre o panno do fundo, e apparece a igreja de San' Paulo: os frades sentados no côro. Em pé juncto ao altar-mor, o PRIOR DE BEMFICA. Sobre o altar dois escapularios dominicanos. MANUEL-DE-SOUSA de joelhos com o hábito de noviço vestido, á direita do Prior. O ARCEBISPO de capa-magna e barrette no seu throno, rodeado dos seus clerigos em sobrepelizes. Pouco depois entra JORGE acompanhando MAGDALENA tambem ja vestida de noviça e que vai ajoelhar á esquerda do Prior. — Toca o organ.

CÔRO.

Si iniquitates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

PRIOR, tomando os escapularios de cima do altar.

Manuel de Sousa-Coutinho, irmão Luiz de Sousa, pois em tudo quizestes despir o homem velho, abandonando tambem ao mundo o nome que n'elle tinheis! — Soror Magdalena! Vós ambos que ja fostes nobres senhores no mundo, e aqui estais

prostrados no pó da terra, n'esse humilde hábito de pobres noviços; que deixastes tudo, até vos deixar a vós mesmos... filhos de Jesus Christo, e agora de nosso padre San'Domingos, recebei com este bento escapulario...

SCENA XI.

O PRIOR DE BEMFICA, O ARCEBISPO, MANUEL-DE-SOUSA, MAGDALENA etc. MARIA *que entra precipitadamente pela egreja em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas desalinhadas e cahidas, os cabellos soltos, o rosto macerado mas inflammado com as rosetas ethicas, os olhos desvairados: pára um momento, reconhece os paes, e vai direita a elles.*
— *Espanto geral; a cerimonia interrompe-se.*

MARIA.

Meu pae, meu pae, minha mãe, levantae-vos, vinde. (*Toma-os pelas mãos; elles obedecem machinalmente, vêm ao meio da scena: confusão geral.*)

MAGDALENA.

Maria! minha filha!

MANUEL.

Filha, filha !... Oh, minha filha !... (*abraçam-se ambos n'ella.*)

MARIA, separando-se com elles da outra gente, e trazendo-os para a bôcca da scena.

Esperae : aqui não morre ninguem sem mim. Que quereis fazer ? Que cerimonias são éstas ? Que Deus é esse que está n'esse altar, e quer roubar o pae e a mãe a sua filha ? — (*Para os circumstantes*) Vós quem sois, espectros fataes ?... quereis-m'os tirar dos meus braços ?... Ésta é a minha mae, este é o meu pae... Que me importa a mim com o outro ? Que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos — que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar ?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pae, ésta mãe que são meus. — Não ha mais do que vir ao meio de uma familia e dizer : ' Vós não sois marido e mulher ?... e ésta filha do vosso amor, ésta filha criada ao collo de tantas meiguices, de tanta ternura, ésta filha é... ' — Mãe, mãe eu bem o sabía... nunca t'ô disse mas sabía-o : tinha-m'ô ditto aquelle anjo terrivel que me apparecia todas as noites para me não

deixar dormir... aquelle anjo que descia com uma espada de chamma na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia n'elles... que me fazia chorar quando meu pae ia beijar-me no teu collo. — Mãe, mãe, tu não hasde morrer sem mim... Pae, dá ca um panno da tua mortalha... dá ca, eu quero morrer antes que elle venha: (*incolhendo-se no hábito do pae*) quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua — aqui deante de toda ésta gente: 'Essa filha é a filha do crime e do pecado!..' Não sou; dize, meu pae, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vai para Magdalena*) Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens ânimo... — nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae.

MAGDALENA.

Misericordia, meu Deus!

MARIA.

Não queres? Tu tambem não, pae? — Não querem. E eu hejde morrer assim... e elle vem abi...

SCENA XII.

MARIA, MAGDALENA, MANUEL ; o ROMEIRO
E TELMO *que apparecem no fundo da scena*
(*sahindo detraz do altar-mór.*)

ROMEIRO, para Telmo.

Vai, vai ; ve se ainda é tempo : salva-os, salva-os, que ainda podes... (*Telmo dá alguns passos para deante.*)

MARIA, apontando para o romeiro.

É aquella voz, é elle, é elle. — Ja não é tempo... Minha mãe, meu pae, cubri-me bem éstas faces, que morro de vergonha... (*esconde o rosto no seio da mãe*) morro, morro... de vergonha... (*cai e fica morta no chão. Manuel-de-Sousa e Magdalena prostram-se aopé do cadaver da filha.*)

MANUEL, depois de algum espaço, levanta-se de joelhos.

Minha irman, rezemos por alma... incommendemos a nossa alma a este anjo que Deus levou para si. — Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulario ?

PRIOR, indo buscar os escapularios ao altar-mor
e tornando.

Meus irmãos, Deus afflige n'este mundo áquel-
les que ama. A coroa de glória não se dá senão
no ceo.

(Toca o organ ; cai o panno.)

NOTAS

A MEMÓRIA DO CONSERVADOR

NOTAS

N.º 1.

Todos os factos citados de Camões por que todos o
queriam inferir ao assumpto de Ignez de Cas-
tro, julgando dar-lhe a sua interpretação, pag. 4 e 5.

Ignez de Castro, e não a filha e pedia o epíteto
de requintada e de dama de honra portugueza
mas por ter sido a mãe, ou a filha de Ignez de
Castro, e o que se conta todos os grandes poetas
escreveram chorando por sua esposa unida a um
fidei, e um magnifico e perpetuo monumento.
Todos os gloriosos, todos os heróicos poetas de
um povo, e de um estado de sua esposa e de

... e, lado esquerdo, os singulares do altar-mor
e do lado.

Meus irmãos, Deus afflige o'este mundo aquelles
que não. A coroa de glória não se dá sem
no tempo.

(Tua é a coroa: vai o panno.)

NOTAS

NOTAS.

À MEMORIA AO CONSERVATORIO.

NOTA A.

Todos ficaram atraz de Camões porque todos o quizeram infeitar (o assumpto de Ignez de Castro) julgando dar-lhe mais interêsse. . pag. 4 e 5.

Ignez de Castro, o mais bello e poetico episodio do riquissimo *romance* da historia portugueza, está por tractar ainda, ou eu muito me ingano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionaes chamados por sua augusta missão a infeixar, n'um magnifico e perpétuo monumento, todas as glórias, todas as tradições poeticas de um povo: este é o character da sua epopeia e de

todas as verdadeiras epopeias; fixam as crenças e a historia maravilhosa de uma nação, são ellas mesmas parte consubstancial, typica e quasi hyeratica d'essa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Taes foram para os gregos os dous poemas de Homero, para os persas o Schahnameh (livro dos reis) de Firdusi, para os povos do norte o Niebelungen, para as nações christans do meio-dia o Orlando de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvida ainda hoje de seu verdadeiro auctor, que alguns não querem que seja senão collecter, como o nome de rhapsodias, dado aos cantos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o logar somos proprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero portuguez deu ao seu poema o cunho e character de epopeia nacional quando n'elle reuniu todas as nossas mais queridas memorias e recordações antigas desde Viriatho o vencedor dos Romanos até D. João de Castro o triumphador romano. Assim juntou todas as rhapsodias do romance portuguez, e fez a Iliada dos Lusitanos. Ignez de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas

chronicas velhas que pouco mais eram do que as tradições populares escriptas, — ou, como então se diria, 'postas por escriptura.' A pintura é rapida, e bella da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como so os sabe menear a poesia popular; não pécca senão nos ornatos classicos do mau gôsto da renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta: tal é a falla de Ignez a elrei...

O romance de Garcia-de-Rezende não tem esse defeito; tem menos d'elle a tragedia de Antonio Ferreira, apesar de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas éstas são as tres composições sobre Ignez de Castro que verdadeiramente se approximaram do assumpto. O mais tudo que produziu a litteratura portugueza e castelhana, e que reproduziram tam descorado as extranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as chronicas antigas, que são mais poeticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas que as traduziram para a affectação das suas rhymas.

Não haverá um portuguez que se affoite a competir por este grande premio, o maior que a lit-

teratura patria tem levantado no meio da arena poetica? Precisa, é verdade, ser um Shakspeare ou um Schiller; sobretudo precisa esquecer todos os exemplares classicos e romanticos, não querer fazer á Racine ou á Victor-Hugo, á maneira d'este grego ou d'aquelloutro latino ou d'estoutro inglez, e 'crear-se a si' para o assumpto. O que principalmente falta é ésta resolução.

NOTA B.

Se eu pudesse tomar nas mãos o scopro de Canova ou de Torwaldson..... pag. 7.

Não escrevi ésta phrase á toa: é uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero paralelo á statuaria é a tragedia; assim como a epopeia á grande architectura; e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondentes na pintura: ode á alegoria, idilio á paisagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A musica segue as divisões da poesia fallada cuja irman gêmea nasceu. Ao cabo, a ARTE é uma

so, expressada por variados modos segundo são variados os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de rhetorica e poetica, ou de litteratura como agora creio que se chamam, um so que desinvolvesse ésta doutrina, tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um anno o que elles perdem e teem perdido em muitas dezenas.

NOTA C.

Ésta é uma verdadeira tragedia — se as póde haver, e como so imagino que as possa haver, sôbre factos e pessoas comparativamente recentes pag. 7.

Racine desculpa-se de ter posto na scena tragica um assumpto tam moderno como Bajazet, julgando supprido o defeito da edade com a distancia do logar, a diversidade dos costumes e o mysterio das coisas do serralho. Nos assumptos nacionaes porêm, ao menos para nós, ha um termo além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o último character historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hende-

easyllabos: d'ahi para ca duvido. Do tempo de Frei Luiz-de-Sousa póde ser que ainda se ature o verso em assumpto ou bem tragico ou bem heroico: dependerá porê m muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os taes versos.

NOTA D.

O nosso verso sôlto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. pag. 8.

Todavia o rythmo dramatico está ainda por afferrir entre nós. Nem os Gregos nem os Latinos nem os Inglezes nem os Allemães escreveram as suas tragedias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-n'o os Francezes porque mais não podem, com a mofina lingua que Deus lhes deu. Os Castelhanos tambem não punham no theatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil-Vicente usou de todos os metros possiveis em Portuguez, mas rarissima vez do hendecasyllabo. E todavia este é quasi o unico a que a prosodia da lingua dá harmonia e fôrça bastante para soar

bem sem rhyrna. Que se hade fazer? Variar-lhe o rhythmo, quebrar-lhe a monotonia da cadencia, como fez Alfieri, a quem todavia o Toscano faltou com as desinencias fortes que não tem, e que no Portuguez abundam tanto.

Quanto para a tragedia, creio que é este o unico expediente; n'outros generos de drama intendingo que se póde tentar o exemplo dos Castellhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o proprio Sr. Martines-de-la-Rosa estão metrificando comedias, puramente comedias, em verso de rondilha, o octosyllabo que não menos popular e natural é n'esta nossa que n'aquelloutra lingua das Hespanhas.

D'estas e de outras coisas que taes é que se devia occupar a nossa Academia e o nosso Conservatorio.

NOTA E.

Ao cadaver das plateas gastas e cacheticas pelo uso contínuo de estimulantes violentos, galvanizá-lo com sos estes dons metaes de lei (o terror e a piedade). pag. 10.

N'este ponto sou mais classico do que Aristoteles, mais stacionario que o velho Horacio, e mais orthodoxo do que Racine. Na tragedia e no drama tragico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons — não sei se são — para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este último genero porém, que muitos querem que não seja senão uma especie hybrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predomínio na scena, pela desmoralização artistica com que tem corrompido o público. Symbolo e reflexo da anarchia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo; em pouco tempo gasta-se, como ella, sôbre si mesmo. Não lhe fica mais que dar nem que esperar. A

tendencia natural do público, depois das saturnaes da eschola ultra-romantica, é portanto toda para a ordem, para as regras, para o regimen da moderação... Felizmente na litteratura não ha oligarchias, á espreita d'estes cansassos e tendencias populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilegio e do absolutismo.

NOTA F.

Não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo..... pag. 10.

A eschola romantica foi tam manifesta reacção contra os vicios e abusos dos ultra-classicos, tal e tam perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarchia feudal. Ambas cahiram na anarchia pelo forte impulso que traziam, ambas destruíram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam; ambas teem de oscillar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilibrio das coisas sem voltar ao impossivel que acabou, nem ir para o impossivel que nunca hade

ser. N'estas duas questões anda o mundo: questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas — chamados homens d'Estado, porque outra coisa não sabem ser — e o vulgar dos timidos litteratos que, ou *non bene relicta parmula* nos campos das disputas civis, se condemnam a sonetteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta coroa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sophocles, e como nos do Dante, tem espinhos de baixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade. — E a vida da carne é tam curta para o homem de letras!.. a da glória não lhe poem termo os homens.

NOTA G.

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indefinida; e comtudo ja influe sôbre ella pag. 11.

Esta contínua e reciproca influencia da litteratura sôbre a sociedade, e da sociedade sôbre a litteratura, é um dos phenomenos mais dignos da

observação do philosopho e do politico. Quando a historia for verdadeiramente o que deve ser — e ja tende para isso — hade fallar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos. — Quem vier a escrever e a estudar a historia d'este nosso seculo nem a intenderá nem a fara intender decerto, se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a epocha, e são ao mesmo tempo causa e effeito de seus mais graves successos.

Nossos barbaros avoengos não conheciam outro podêr senão a fôrça — a fôrça material; d'ahi não historiaram senão d'ella. As rhapsodias de historia legislativa e litteraria que algum adepto redigia, mais por curiosidade ou por espirito de classe do que por outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por taes nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difficil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas historias com outras para podêr achar a historia nacional. Mas deve ser muito estupido o que não vir melhor a historia de D. Manuel

em Gil-Vicente do que em Damião de Goes, e a d'elrei D. José nas leis do marquez de Pombal e nos escriptos de José de Seabra do que nas gazettas do tempo, ou ainda nas proprias memorias mais íntimas de seus amigos e inimigos.

Nas obras de Chateaubriand e de Guisot, de Delavigne e Lamartine, nas de Victor-Hugo e até de George-Sand, nas de Laménais e de Cousin está o seculo dezenove com todas as suas tendencias indefinidas e vagas, com todas as suas timidas saudades do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Fallo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a San'petersburgo, d'abi ao Rio-de-Janeiro e a Washington, os membros todos do grande corpo social d'alli recebem e para alli refluem os mesmos accidentes de vida.

NOTA H.

A *comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo. pag. 12.

Revolvi muitas collecções de 'comedias famosas,' que são bastantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquella que vi na Pova em 1818. É tam difficil ter aqui informações litterarias dos nossos vizinhos d'aopé da porta, que abandonei a impresa de a descobrir, apezar do vivo interêsse que n'isso tinha. — É mágoa e perda que duas litteraturas que tanto ganhariam em se intender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais extranhas uma á outra do que talvez nenhuma conhecida na Europa.

NOTA I.

Que me não julguem sôbre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver..... pag. 9.

Uma obra d'arte, seja qual for, não pôde ser julgada pelas regras que á critica lhe praz estabelecer-lhe, senão pelas que o auctor invocou e tomou para sua norma. De não intenderem ou não quererem intender este princípio de eterna verdade e justiça, os incontrados anathemas com que, vai n'um seculo, se estão fulminando classicos e romanticos uns aos outros. O theatro inglez era uma galeria de monstruosidades repugnantes para Voltaire e para toda a academia franceza; as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram *trillos* de capados da capella do papa a Schlegel e a toda a eschola Shakspeareana d'alem do Rhim e da Mancha.

Qual tinha razão? Nenhum.

NOTA J.

O drama, o Captivo de Fez..... pag. 13.

O relatorio da commissão do Conservatorio Real, é datado de 18 de Dezembro de 1840.

NOTA K.

Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto..... pag. 14.

Herodoto dividiu a sua historia, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quaes tem o nome ou titulo de uma das nove musas. A historia assim como a poesia eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que se não tractavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as musas, filhas da memoria, não eram o symbolo nem a inspiração dos bellos fingimentos, mas da verdade bellamente narrada. Quantas fábulas tem a Iliada e a Odyssea, não as houve por

taes o poeta ; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitaveis no seu tempo. Herodoto tam pouco imaginava entrar nas provincias da poesia quando narrava as incriveis maravilhas que elle e os seus contemporaneos tinham por historia.

NOTA II.

O primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu modelo a todos os absolutismos modernos — o que vale o mesmo. pag. 17.

O despotismo asiatico antigo era o principio, era a regra ; o absolutismo europeu moderno é o facto, a excepção, a deviação. Os despotismos de Asia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exaggeração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo ; lá a coisa-pública formou-se pelo principe e com elle ; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio-Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias tem sido a usurpação mais

ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

NOTA M.

Para ver... se os nossos jovens escriptores...
entravam por sua antiga história a descobrir
campo, a colhêr pelas ruínas de seus tempos
heroicos, os typos de uma poesia mais nacional e mais natural pag. 18.

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguem poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas e os dithyrambos que, até o primeiro quarto d'este seculo, eram a glória dos Arcades da segunda camada, os Jonios e os Josinos, os Elmiros e os Belmiros, teriam talvez — e creio que tinham — menos erros de linguagem e menos faltas de stylo do que teem os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahí se deitam hoje a escrever. Mas tambem não tinham

um pensamento, uma idea, quasi uma phrase que não fosse copeada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem descrevia um sítio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? Toda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assumptos eram nacionaes, não passava a nacionalidade dos nomes dos heroes ou dos titulos dos poemas. O Garção, o Tolentino e Francisco-Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas bellas e riquissimas lyras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos academicos ainda muito poderosos então. Bocage teria podido fazê-lo; mas aquelle pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que ja temos uma litteratura nacional, nem siquer sei se chegaremos a isso; mas é sem dúvida que para lá caminhâmos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os Lusiadas para cá.

NOTAS

171

grandes. Outros os porém de tal modo, que ha
verdade sãam magnificos. Costumam formar os
esposos de casas de damas e de mais
raes no hyverno se no verão de cursos de
dos mi ricos que se fabricam n' aquella cidade.

M. de B. d.

AO DRAMA.

ACTO PRIMEIRO.

NOTA A.

Todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza
dos principios do seculo dezesette.. pag. 25.

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr.
Alexandre Herculano na bibliotheca real da Ajuda,
e do qual alguns extractos ja foram publicados
no Panorama de 1843.

Postoque Lisboa seja tammanha e tam nobre
povoação, não tem palacio algum de burguez ou
de fidalgo que mereça consideração quanto á ma-
teria; e quanto á architectura, são edificios muito

grandes. Ornam-os porém de tal modo, que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de rasos, de damascos e de finissimos razes no hynverno, e no verão de couros dourados mui rricos que se fabricam n'aquella cidade.'

Ms. da Bib. d' Ajuda.

NOTA B.

N'aquelle ingano d'alma ledo e cego

Que a fortuna não deixa durar muito. pag. 26

Os Lusíadas eram decerto então, no princípio do século dezesette, um livro da moda e que devia andar sobre o bufete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que so no primeiro anno da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similhaça confundiram muito tempo os criticos e bibliophilos. Até o anno de 1613, epocha da separação de Manuel de Sousa-Coutinho e D. Magdalena de Vilhena, as edições dos Lusíadas eram ja nove, desde a primeira de 1572 até á do referido anno de 1613, que he a dos célebres commentarios de Ma-

nuel Correa, feita por Pedro Crasbeeck. Das Rhy-
mas contam-se tres edições no mesmo periodo; a
quarta fez-se no seguinte anno de 1614. Dois au-
tos tinham sahido na collecção do Prestes:

NOTA C.

E assim foi seu pae antes d'elle. . . . pag. 27.

Lopo de Sousa-Coutinho, pae de Frei Luiz de
Sousa, era natural de Santarem, filho de Fernão
Coutinho, e bisneto do segundo conde de Marial-
va, D. Gonsalo Coutinho. Serviu na India com
muita distincção desde a idade de dezoito annos,
no govêrno de Nuno da Cunha. Voltando ao rei-
no, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu
o govêrno da Mina. D'alli tornou com a mereci-
da reputação de honestidade e zêlo; e succeden-
do na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes,
que fallecêra, casou com D. Maria de Noronha,
dama da rainha D. Catharina, de quem teve os se-
guintes filhos: Rui Lopes-Coutinho, Lopo de Sou-
sa-Coutinho, Gonsalo Vas-Coutinho, Manuel (de-
pois Frei Luiz) de Sousa-Coutinho, João Rodri-

gues-Coutinho, Andre de Sousa-Coutinho, N... (que foi provincial dos graciosos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus. — Barbosa dá-lhe mais tambem uma filha, D. Anna de Noronha, freira nas Donas de Santarem.

Era Lopo de Sousa grande cultor das lettras e das sciencias, sabia a physica e as mathematicas, foi profundo na litteratura antiga, e professava, como todos os bons espiritos do seu tempo, a poesia. 'Uniu com tudo isto' diz o Sr. bispo de Viseu 'grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da patria, que nunca sollicitou premios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares d'Africa, e exercitou o pôsto de capitão-mor da armada da côrte. Tam nobres prendas e tammanhos serviços o faziam digno de respeito; a que obrigava ainda mais a sua presença veneravel; de tal sorte que até el-rei, se reffere que, lhe não fallava sem indicios de grande consideração.' — A phrase de Frei Antonio da Incarnação é mais mimosa e portugueza: 'A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se compunha quando fallava com elle (1611 1674 210)

Escreveu várias obras, que aponta Barbosa : dois livros do cerco de Diu, Coimbra por João Alvares 1556, fol ; — um livro da perdição de Manuel de Sousa-de-Sepulveda, 4.º ; — várias obras poeticas no cancionero geral de Anvers 1570 ; — traducções de Lucano e de Seneca tragico ; e impresas de illustres varões portuguezes na India, Ms. — Frei Antonio da Incarnação menciona tambem escriptos mathematicos, provavelmente Ms. de que não ha outra notícia.

V. Prologo á II parte da Hist. de S. Domingos ; Fr. Jose da Natividade, Agiolog. Domin. ; Histor. Genealog. t. XII ; e Bibliothec. Lus. ; Memor. da Academ. R. das Sc. de Lisboa t. VIII, p. I. 1823.

NOTA D.

Aquelle mercador inglez da rua-Nova que aqui vem ás vezes tem-me ditto suas coisas que me quadram. pag. 28.

A rua-Nova era o Chiado d'então, a *rue de Lapaix*, o *Regent-street* da Lisboa capital d'aquella

immensa monarchia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a relação ou viagem dos Venezianos Tron e Lippomani:—

‘Quanto as ruas em geral são más e incómodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a rua-Nova pelo seu comprimento e largueza, mas sóbretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação.’

Ms. da Bibl. real d' Ajuda.

NOTA E.

Herege d'esta seita nova de Allemanha ou de Inglaterra..... pag. 28.

Até em Portugal, o paiz mais exclusivamente catholico da terra, não deixou de fazer sua impressão a lucta pela liberdade religiosa que no seculo XVI tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, senão proselytos determinados, pelo menos seus admiradores, que sympathizavam com certos principios proclamados pe-

los christãos dissidentes. Um dos characteres mais illustres da epocha, e que mais illustravam então na Europa a nome portuguez, Damião de Goes foi suspeito e accusado — cuido que não sem algum fundamento — de sua intelligencia com os reformistas de Alemanha.

NOTA F.

O escudeiro valído, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos. pag. 29

D'estes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infancia conheci alguns representantes. Nas provincias, e principalmente nas do norte, até o começo d'este seculo, o escudeiro não era um criado, era um companheiro muitas vezes nem inferior em nobreza, e so dependente pela fortuna. Foi o último vestigio do pouco que havia de patriarchal nos habitos feudaes. O escudeiro é uma figura characterista no quadro dos costumes portuguezes, em quanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou toda a physiono-

mia nacional com as modas e usos extranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.

NOTA G.

É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra pag. 31

D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa-Tavares, capitão-mor do mar da India e das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do célebre D. Manuel de Portugal que immortalizaram os versos de Camões; teve d'elle um filho que morreu môço, e duas filhas. D'estas, uma casou com D. Pedro de Menezes da casa dos condes de Linhares, e não teve successão; outra, por nome D. Joanna de Portugal, casou com D. Lopo d'Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja successão veio a reunir-se depois a descendencia das duas casas, Portugal e Sousa-Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes-d'Almei-

da com D. Joanna-Theresa Coutinho. Singular coincidência! observa com razão o Sr. bispo de Viseu na sua memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa-Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa-Maria chama D. Anna, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande auctoridade de meu tio D. Fr. Alexandre que assim o tinha emendado no exemplar do seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

NOTA H.

Tam bom linhagem como os que se leem por melhores n'este reino, em toda Hespanha..... pag. 34.

Do que fica ditto na nota C a este acto, pag. 179, se ve que não ha amplificação n'estas expressões. Oiço aos practicos em genealogias que esta illustrissima familia dos Sousas-Coutinhos, tam distincta por armas, lettras e virtudes, se extinguiua completamente; e que os que hoje usam junctar os dois nobres appellidos ao seu nome teem mui-

to pouco direito verdadeiro para isso. — Dirão os genealógicos quanto ao sangue, e a opinião do público quanto ao mais.

Do segundo marido o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve a filha que Francisca de Santa-Maria chama D. Anna, e cu D. Maria. Por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por quantos aduares de alarves ali houve. pag. 36.

Todos os nossos chronistas e escriptores de memorias do tempo chamam *sejanas* áquelles bairros ou districtos fechados das cidades de Berberia em que viviam os judeos, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes captivos que esperavam seu resgate.

NOTA K.

Os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte. pag. 36 e 37.

Não so no breve reinado de D. Henrique, o cardeal-rei, mas ainda durante o do primeiro

Philippe, II de Castella, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos captivos christãos em Berberia, os dous agentes de Portugal e de Castella, que rivalizavam de zêlo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escriptos do tempo dão testemunho d'este facto tam honroso para as duas côrtes d'Hespanha.

NOTA L.

Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho..... pag. 38.

Não é de invenção minha este argumento que convence tam fortemente o hom do aio velho, e que me lisongeo de ser uma das coisas mais characteristics e originaes que o observador não vulgar incontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesoiro d'onde tenho hauido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios tem tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesoiro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do erer do

nosso povo, que é o mais poético e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquellas palavras na bôcca de Telmo-Paes. Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello que era de meu pae, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da familia de meu avô materno Jose Bento Leitão; ambas são ao sul do Doiro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo. — Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino-bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apezar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista-mor da familia, e em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escorial. Contava-me ella, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas 'se mentia muito'; que de meu

avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido imbrulhado n'um lençol passeiando á meia-noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta: o que era inteiramente falso, porque 'ella estava certa que, se o Sr. José-Bento pudesse vir a este mundo, não se ia embora sem apparecer á sua Rosa de Lima.' — E arrazavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, luzia-lhe na bôcca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é ésta, é a que sai d'estas suas fontes primeiras e genuinas; não são arrebiques de phrases tiradas de gregos ou latinos, de francezes ou de inglezes, segundo é moda; nem *rifacimentos* exaggerados — hoje, da sensoria descorada da eschola *passigraphica* que distingui a nacionalidade de todas as litteraturas no fim do seculo passado e principios d'este — ámanhan de quanto ha mais obsoleto e *irrevocavel* no stylo invezado, nas ideas confusas, nos principios indeterminados dos chroniqueiros velhos. A litteratura é filha da terra, como os Titans da fábula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta.

NOTA M.

Esse desgraçado rei D. Sebastião que o seu
 mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar
 que morresse, por quem ainda espera em sua
 leal incredulidade. pag. 41.

A incredulidade popular sobre a morte d'elrei
 D. Sebastião começou logo com as primeiras no-
 ticias que chegaram ao reino da derrota de Al-
 cacer-Kibir. Querem alguns que as esperanças
 do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais
 haviam instigado aquella triste jornada, para evi-
 tarem a responsabilidade de seus fataes conselhos.
 O facto é que no público nunca se acreditou bem
 na morte d'elrei. E nenhum, de tantos que esca-
 param, nenhum disse nunca que o vira morrer.
 No epitaphio de Belem poz-se a resalva *si vera
 est fama*. Os varios impostores que em diversas
 partes appareceram tomando o nome de D. Se-
 bastião, em vez de destruirem, confirmaram as
 suspeitas nacionaes. O verdadeiro ou falso Sebas-
 tião que foi intregue em Veneza e atormentado

em Nápoles, deixou dúvidas profundas nos animos mais seguros. Menos bastava para dar cor e creança á multidão de fábulas romanescas e poeticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro character popular que ainda não foi tractado e que, em habeis mãos, deve dar riquissimos quadros de costumes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavrar n'este fertilissimo veio dá grande mina de nossas creanças e superstições antigas.

NOTA N.

O (romance) da batalha, que diz:
 Postos estão frente a frente
 Os dois valerosos campos . . . pag. 44.

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que elle na sua *Miscelanea* nos conservou as notas, vem alli em Castelhana; achei-o em Portuguez nos apontamentos do cavalheiro de Oliveira,

e tambem o publicou em Portuguez A. L. Caminha, na sua collecção de ineditos. No lugar competente do meu 'Romanceiro' o dou em ambas as linguas, sem me atrever a decidir em qual d'ellas fosse originalmente composto.

NOTA O. D. Sebastião... que hade vir um dia de névoa muito cerrada. pag. 44.

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja porque me dizem que alguns ha ainda, que elrei D. Sebastião havia de vir n'um dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas prophecias populares.

Outro thesouro de poesia nacional são éstas prophecias que ainda ninguem examinou philologicamente como ellas merecem. No meu 'Romanceiro' procurei restitui-las ao logar e cathegoria litteraria que estou convencido lhes compete.

NOTA P.

Pois não tens ouvido a teu tio Frei Jorge, a teu tio Lopo-de-Sousa contar como aquillo foi..... pag. 45.

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luiz de Sousa, ficou captivo na batalha de Alcaccer. Hist. Geneal. t. XII. — Frei Jorge, estou persuadido que, foi frade graciano — postoque as conveniencias dramaticas me fizessem adoptar a opinião de Touron e Echard, dando-o aqui por dominico.

Entre os que se renderam ás promessas de Castella para intregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes-Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luiz de Sousa : d'onde, não se dariam muito irmãos de tam differentes sentimentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda que se achasse, como sabemos, na jornada de Africa.

V. Faria-e-Sousa, Europ. t. III. p. I.; e a Mem. cit. do Sr. bispo de Viscu.

NOTA Q.

Elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser..... pag. 45.

Veja a nota M a este acto. E consulte o dizer de todos os escriptores do tempo: ver-se-ha que o ingano popular, se o era, recabia comeffeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter crédito geral; é preciso que tenha algum fundamento: a imaginação do povo não é creadora, augmenta, exaggera, mas não tira do nada.

NOTA R.

Elle não é por D. Philippe..... pag. 45.

'Se é como parece, somos obrigados a admittir com lástima este labeo (de se ter vendido a Philippe de Castella) na descendencia de Lopo de Sousa-Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinterêsse e dignidade de um pae tam illus-

tre, e muito desprezou as lieções da primeira edade o seu mesmo primogenito. (V. not. P a este acto.) Comtudo, á vista da mágoa profunda com que Manuel de Sousa-Coutinho falla da fatal jornada d'Africa em tantos logares, e do patriótico entusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos, é muito de presumir que o contágio nem tocou levemente o seu delicado pundonor. '

Memor. cit. do Sr. bispo de Viseu.

NOTA S.

Paráque deixou elle o hábito... porque não ficou n'aquella sancta religião? pag. 50.

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no anno de 1576, para noviciar n'aquella religião. Duvidam Frei Antonio da Incarnação e Frei Lucas de Sancta-Catherina se effectivamente elle seria ja noviço quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, poisque o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permittiam nunca aos cavalleiros maltezes. A opinião

mais geral dos escriptores é porêem que elle chegou a noviciar. E é certo que no anno de 1577 (segundo elle proprio escreve na P. I, Liv. VI, cap. 3, da Hist. de S. Domingos) estava captivo em Argel. D'ahi computa o Sr. bispo de Viseu que seria captivado pelo anno de 1576. Tomaram-n'o sahindo de Sardenha, conforme refere no prologo ás obras de Jaime Falcão :

Qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africa trajecti.

Ahi 'achou entre os captivos', diz Barbosa, 'o célebre Miguel Cervantes-Saavevedra, com 'quem contrahiu muito estreita amizade.' Ficou-nos testemunho d'esta amizade na linda novella de Cervantes, *Trabalhos de Persiles e Sigismunda.*

NOTA T.

Agora que ella (a peste) está, se póde dizer, acabada... é que por fôrça querem mudar de ares..... pag. 52.

A peste começou no fim de Outubro de 1598,

estava quasi extincta pelos fins de Agosto do anno seguinte; mas no Outubro immediato *começaram a picar novos rebates, não acabando de levantar detodo até Fevereiro de 1602.*

Hist. de S. Domingos P. III, L. VI, Cap. 10.

NOTA V.

A minha donzella Theodora..... pag. 52.

Ainda hoje, na phrase commum, a donzella Theodora é o typo da sabedoria feminina mais superior. Todos conhecem o romance provençal, de genero e stylo byzantino, que, traduzido em portuguez, obteve egual acceitação e popularidade ao *Roberto do Diabo*, á *Formosa Magalona* e seus pares.

NOTA X.

Para côrte e *buen-retiro* dos nossos cinco
réis..... pag. 53.

‘*Quinqueviratus ille invidiam sibi non levem
conflavit, mihi inopinatum exilium peperit.*’

Prologo de Fr. L. de Sousa ás Obras de Jaime
Falcão.

NOTA Y.

O terço do meu pae tem mais de seiscentos ho-
mens..... pag. 54.

‘*Praefecturam mihi imposuerat rex septingento-
rum peditum, equitum ferme centum.*’

Prolog. ás Obras de Jaime Falcão.

NOTA Z.

O conde de Sabugal, o conde de Sancta-Cruz. pag. 58.

Quando Philippe II sahiu de Lisboa em 1583, deixou por governador o archiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge d'Almeida, Pedro d'Alcaçova, e Miguel de Moura secretario. Em 1594, chamado o archiduque para o arcebispado de Toledo, deu o govêrno a D. Miguel de Castro, novo arcebispo de Lisboa, aos condes de Portalegre, de Sancta-Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

NOTA Aa.

A (casa) que foi de? ... a que péga com San' Paulo. pag. 59.

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado d'Almada. E não foram decerto éstas as que

incendiou Manuel de Sousa para resistir á potencia dos governadores do reino : todas as probabilidades são que a scena do romeiro se passaria em uma casa que tivesse sido de D. João, pois estava alli o seu retratto. Ser ella pegada com a igreja e convento de San'Paulo, é que somente foi probabilidade poetica ou dramatica.

NOTA Bb.

Meu pae morreu desastadamente cahindo sobre a sua propria espada . . . quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos ? pag. 67.

Sucedeu isto na villa de Povos em Janeiro de 1577.

V. Frei Antonio da Incarnação, Prolog. á P. II. da Hist. de S. Domingos.

NOTA Cc.

Illumino a minha casa para receber os muito nobres e poderosos senhores governadores d'estes reinos pag. 68.

' Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuriæ subduxit, in fummum et cineres abiere...

Prolog. ás Obr. de Falcão.

O epigramma latino do mesmo Frei Luiz de Sousa, segundo o refere Barbosa, ainda é mais vehemente e elevado :

Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penales.

Ponet et æternam, non moritura, domum.

ACTO SEGUNDO.

NOTA A.

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança pag. 71.

V. Memorias dos Grandes de Portugal por D. Antonio-Caetano de Sousa.

NOTA B.

É o principio d'aquelle livro tam bonito. pag. 72.

São effectivamente éstas, que Maria cita gra-
cejando, as primeiras palavras do mysterioso li-
vro das *Saudades* de Bernardim-Ribeiro, que tam
popular foi entre nós, apesar, ou talvez pela mes-
ma obscuridade, de seus enigmas e anagrammas.
Na rara edição, que agora alcanço, de 1559 tem
alguma differença.

NOTA C.

Faredes o que mandado vos é pag. 72

É o antiquado de 'fareis', que Maria aqui impregna com graciosa affectação, para fallar em stylo de donzella romanesca dando ordens ao seu escudeiro.

Penho isto aqui porque sei que me notaram o arcahismo como improprio do tempo; era-o com effeito no seculo XVII em que ahi estamos, se não fôra trazido assim.

NOTA D.

A ousadia reflectida que está na'quelles olhos rasgados, no appertar d'aquella bôcca. . . pag. 79.

De todos os retrattos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authêntico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palacio do govêrno que antigamente fôra collegio dos Jesuitas. É tradi-

ção ter sido para alli mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquelle retratto na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que puz na bócca de Maria.

NOTA E.

Pois não ha prophecias que o dizem? pag. 79.

Veja nota O ao primeiro acto, pag. 192.

NOTA F.

Quando o vi a última vez, foi no alpendre de San'Domingos em Lisboa..... pag. 80.

É sabido que o nosso illustre poeta passou os ultimos tempos da sua vida na conversação e intimidade dos bons padres de San'Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam n'aquella ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de San'Do-

mingos é dos sitios mais historicos de Lisboa. Alli se passaram muítos dos mais memoraveis successos de nossas revoluções, alli se fizeram e desfizeram reis, alli levaram os povos muito ingano e desingano. Era logar de commum frequencia para ociosos e negociosos, que o hábito geral e a popularidade dos padres alli atrahia.

NOTA G.

San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação pag. 80.

San'Telmo (San'Pedro Gonsalves-Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de San'Telmo em que a nossa gente do mar não quiz nunca ver o phenomeno natural, senão o annúncio da protecção do seu sancto.

NOTA H.

Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para

Sanct'Anna pag. 80

A igreja de Sanct'Anna, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então parochia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema Camões, I vol. d'esta collecção.

NOTA I.

Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Se-

bastião pag. 81

A invocação a D. Sebastião, nos Lusiadas, parece escripta depois da primeira jornada d'elrei a Africa : não é um tributo de van lisonjaria, como a do Orlandu ou a da Jerusalem e as de quasi todas as outras epopeias modernas ; mas o enthusiasmo ardente do guerreiro, a offerta sincera do patriota que põe á disposição do seu rei mancebo e im-

prehendedor 'o braço ás armas feito' e 'a mente ás musas dada.'

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da offerta; mas tinha uma côrte, como são todas as côrtes, em que so teem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito: Camões foi tractado como devia ser.

NOTA J.

Então para que fazeis vós (versos) como elles?..... pag. 84.

Além do bello epigramma que ja citei na nota Cc ao primeiro acto pag. 20, restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luiz de Sousa que bem mostram quanto era íntimo no commercio das musas. Alguns versos do seu poema *Navigatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que elle incarece as saudades da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

Quin et curarum fluctu contundor acerbo

Dum, procul a patria, toto jam divisor orbe,

Et subeunt conjux, et natæ dulcis imago.

No prologo ás obras do seu amigo e mestre, Jaime Falcão, assim descreve elle Almada e a vida poetica e descuidosa que alli vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotencia dos governadores: *Locus Ulyssiponi imminet brevi freto interfluente Tago, saluber cælo, fontibus exuberans, musarum otiiis commodissimus.*

Mas que não tivessemos nenhum d'estes documentos, na suave melancholia, nas sinceras bellezas da prosa de Frei Luiz de Sousa, tinhamos segura próva de que, na mocidade e no século, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia d'aquella prosa. Ha, na vida do arcebispo e na historia de San'Domingos, trechos de poesia descriptiva — de drama — aspirações de quanto ha mais sublime e elevado no coração humano — que são modelos perfeitissimos d'arte, verdadeira reveberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuina poesia.

NOTA. K.

É raro ver tam perfeita similhaça .. pag. 87.

Devia de ser extremamente parecido um retratto que pôde ser immediatamente reconhecido pelo peregrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalem no fim de tantos annos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a historia se conta pelos biographos de Frei Luiz de Sousa. No presupposto do presente drama, a explicação é mais facil e podia ser outra.

NOTA L.

O vosso convento novo de freiras abaixo de
San'Vicente pag. 89.

Este convento, instituido por causa do religioso divorcio dos condes de Vimioso, D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Castro-Mendonça, esteve interinamente, desde 1607, n'umas casas que fo-

ram do morgado, dos campos abaixo de San'Vicente-de-Fóra e sôbre o bairro d'Alfama. So em 1616 é que se mudaram as freiras em solemne procissão para a nova e própria casa *sôbre o rio juncto á ponte de Alcantara.*

V. Hist. de S. Dom. T. III, Cap. XV.

NOTA M.

Sexta feira ! ai que é sexta feira... pag. 92.

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a sexta feira. Ésta porèm, não so entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de mau agouro.

NOTA N.

Olha a condessa de Vimioso, ésta Joanna de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer..... pag. 100.

É altamente interessante ver como o mesmo

Frei Luiz de Sousa narrou depois a historia d'esta separação, que fôra o exemplar da da sua.

V. Hist. de S. Dom. P. III, Cap. XV.

NOTA O.

Um captivo, um remido? — Não, senhora ; não
traz a cruz..... pag. 104.

Os remidos traziam um escapulario branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redempção, que entre nós se chamou da Trindade. São frequentes nos nossos escriptores as descripções da solemne procissão em que davam como a sua entrada pública no seio da christandade a que eram restituídos os captivos. Com aquelle signal, que a todos inspirava respeito e sympathia, esmolavam depois pelas terras, e muitos ajunctaram quantias avultadas.

ACTO TERCEIRO.
NOTA A.

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica,
e tambem vigario do Sacramento .. pag. 127.

‘Frei João de Portugal foi prior de Bemfica,
vigario do convento do Sacramento, inquisidor da
mesa-grande, e ultimamente bispo de Viseu de
1625 até 1629, em que acabou uma carreira de
bom exemplo.’

Memor. do Sr. bispo de Viseu; V. Fr. Luc. de S.
Cath. P. IV, L. I; Collecção dos doc. da Acad. R.
de Hist. etc.

NOTA B.

O segredo do seu nome verdadeiro está entre
mim e ti..... pag. 128.

Seja verdadeira ou não a historia da apparição

do peregrino em casa de D. Magdalena, ella foi geralmente acreditada até ás judiciosas dúvidas do Sr. bispo de Viseu, que não passam de dúvidas comtudo. Fazer do peregrino o proprio D. João de Portugal, foi supposição poetica, todavia bem provavel e possivel, e que mais facilmente explicaria todas as circumstancias mysteriosas d'aquella apparição e das suas consequencias.

NOTA C.

Para a cabeça (incannecer) bastou uma noite como a que veio depois da batalha de Alcanicer. pag. 136 — 137.

Ha muitos exemplos de incannecerem gentes de repente por grandes medos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a este notavel phenomeno, no *Prisioneiro de Chillon* :

My hair is gray, but not with years,

Nor grew it white

In a single night

As men's have grown from sudden fears.

NOTA D.

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro imbuste dos inimigos d'esse homem pag. 139.

Talvez assim fosse comeffeito. Nem o padre Incarnação, nem nenhum dos outros que referem a historia do peregrino, dizem o que foi feito d'elle: e a explicação mais plausivel que a tam extranho successo achou o bom do padre foi que sería talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquellas duas almas ao ceo pelo caminho do claustro. É quasi uma sahida dramatica das que tanto incorreram na censura de Horacio: *nec Deus ex machina*.

NOTA E.

E teem um filho elles? . . . Eu não. . . . pag. 140

D. João de Portugal teve, de D. Magdalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do acto I, pag. 164. Não designando Telmo o sexo do filho de Manuel de Sousa, fica natural e

possivel a reflexão de D. João aqui. — Além d'isso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o auctor a concebeu, e ao interêsse que elle queria concentrar todo n'esta unica filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhum modo os filhos da primeira união de D. Magdalena de Vilhena.

NOTA F.

Todas éstas coizas são ja indignas de nós. pag. 148.

As palavras que Frei Antonio da Incarnação põe na bôcca de Manuel de Sousa, n'esta occasião, merecem appontar-se aqui.

‘Chegando elle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino, e o mais que tinha visto seu irmão, o mestre Fr. Jorge, e assim, que visse o que na materia se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo dizendo: Atégora, senhora, vivi em boa fe comvosco; e creio de vós que na mesma fe vivestes commigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez senão tivesseis por certa a

morte do vosso primeiro marido... O que convem mais é fugir para o sagrado da religião... etc.

Prologo á II P. da Hist. de S. Dom.

NOTA G.

De profundis clamavi ad te, domine. pag. 149.

Tive conselhos para não pôr em latim estes bellos versetos do psalmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar á verdade, e diminuir a solemnidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas cerimoniaes da egreja. Mostrou-me a experiencia que eu é que tinha razão.

N'um poema narrativo teria feito como fiz no segundo canto do Camões, que traduzi os versos de Job: em drama, o que se representa deve ser o mais proximo possivel do que effectivamente se passou, ou devia de passar.

APPENDICE.

JUIZO CRÍTICO.

JUIZO CRÍTICO.

ADVERTENCIA DO EDITOR.

Extrahida de "Revista Universal" publicação mensal
da casa editora de Lisboa, esta obra, que contém o
critico de "Revista Universal" que em 1854, e
que contém o critico da obra de D. João de Castro
relativa á vida do e largo tempo e do tempo
para o qual esta obra que contém as obras
quatro volumes e quatro que - sempre actual, e
com o qual esta obra de D. João de Castro, O
Sr. João de Castro, Lisboa de 1854, e
que contém o critico da obra de D. João de Castro
que contém o critico da obra de D. João de Castro;

modo de vossa primeira missiva. O que contém
mais é fugir para a sagrada de religião, do
Prólogo à II P. da Hist. de S. Dom.

Nota II.

De profunda cisterna sãta, de qua, pag. 124

Este conselho não se dá em tanta boa
falta, pois do mesmo pendencial que fica
entre os frades. Não vedi, porque era feitor de
verdade, e distinguir a solidiedade de impressão
que a natureza humana imprimeiramente produz
nos sentimentos de respeito, e admiração, e gratidão
que se dá aos seus superiores.

Não se podem negar, pois são de
se seguir, como de sempre, que a razão se ver-
tas de Job, em drama, e que se representa de
ser o mais próximo possível de que effectivamente
se se passou, ou de se passar.

APPENDICE.

JUIZO CRÍTICO

SÔBRE FREI LUIZ DE SOUSA.

ADVERTENCIA DOS EDITORES.

Extrahimos da 'Revista Universal' publicação litteraria bem conhecida, e damos aqui, em appendice, o juizo crítico de 'Frei Luiz de Sousa' que alli appareceu, e que obteve geral acceitação, tanto pelos profundos conhecimentos d'arte que o joven escriptor n'elle desinvolveu, como pela concisão com que tractou as mais vastas questões estheticas e moraes que o assumpto suscitava, e sem as quaes não podia ser dignamente examinado. O Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva mostrou que era capaz de subir á allura das grandes considerações em que hoje está involvida a litteratura; e com os francos e jus-

tificados louvores que lhe tributa, associou o seu nome á glória litteraria do nosso auctor.

FREI LUIZ DE SOUSA.

A idea progressiva que revolve a sociedade actual, na expressão litteraria, creou uma crítica sua: já se não sabe, nem que soubesse, se podia moldar o 'bello' moderno pelos baixos-relevos de Pompeia: o pincel de David, correcto e verdadeiro na cópia, era todo romano como os Horacios, — quebrou-se deante da Medusa: — a estátua no quadro sahia grandiosa e sublime nos traços do mestre, mas sempre estátua: e hoje a poesia hade retratar a vida em todos os seus aspectos — no interno, o mysterio íntimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos — no externo, todas as côres e matizes, todas as attracções, todas as antimonias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis — invisiveis de todo, que ligam o Prometheu á sociedade, que o põe d'alvo ao spectaculo tristissimo, á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmãs de ver, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito de Procusto, e o afferiam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos: desconjunctavam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bôcca no meio das intoleraveis

dôres d'estes tractos inquisitoriaes, em vez de fel, faziam-lhe ingulir, em dôses enormissimas, centos de paginas opiadas da 'Practica de Theatros' do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosa de tragar do que o absyntho mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhaça com a vara legal do recrutador: os infezados affugentavam-n'os com um par de golpes puxados da alma; os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos dôze tempos prussianos. — Era delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema; chamaram-lhe indecente e aristocratica, e morreu no garrote de revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakspeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo como todas as academias, tinha affogado o Cid logo á nascença; La Harpe cravára de setas o poeta inglez e a scena hispanhola — andaram a levantar um calvario, aonde depois a philosophia de Kant e a crítica alleman pregou na cruz adoradores e idolos: trocou-lhes a regatada festa do banquete Olympico em desconsolado destêrro; imparedou-os nos armarios sepulchraes das bibliothecas: correu-se o véu que escondia Borgia, acabou o 'ipse dixit' miraculoso Santelmo dos lances apertados. Partidas aos pedaços as andadeiras e muletas classicas, ja os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam, e foram-se sentar ao soalheiro da praça,

de cabeça pendida e olhos chorosos, a ver as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estátua de Pasquino — o povo não intendia ainda o 'post fata, quiescit!'

Mas as actas do concilio classico estão registadas no Spectador do secretario do conde Wharton, do virtuoso Addison, aquelle mimoso poeta do Catão, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força impalmar as notas da opera Rosemunda, com a mesma semceremonia com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço ate ao cotovello pelas bolças dos outros reinos. Deus lhe perdoe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora outras ideas d'arte demandam outro escalpello crítico; em tudo, mas no romance e no drama especialmente.

Aqui fallámos so do drama.

Raro se desata robusto e viçoso o theatro com as primeiras flores da litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtis, delicadezas melodicadas mui altas para soffrer que a ensaiem dedos inexperientes. O frontão do harmonioso templo das musas gregas levantou-o a tragedia d'Eschylo; ornaram-n'o as creações de Euripedes, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tam casta e reflectida de Sóphocles.

A scena hispanhola veio depois de Cervantes, que mal a antevira; mas purificou-se, debaixo dos dedos de Calderon, das impurezas de Lope da Vega, dos choutos de

Gongora. Shakspeare tirou a ingleza do pego de semsaboria do mais estragado gôsto euphoistico, peor cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intoleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando que a arte vacilla incerta: a esthetica ainda não assenta em bases sólidas. — Esta árvore quer a terra ja revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furações que a não desarreiguem á nascença, so péga bem em terra propria: é como a sensitiva, incolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria, se lhe negam o ceo e as nascentes do clima aonde nasceu; nas estufas murcha e morre.

É que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retratta, a côres fleis, as feições moaes de uma nação; quem aponta o caminho que ella leva andado na estrada legítima da civilização, quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo: porque o drama, que o é devéras, pinta a vida d'alma, da epocha, e da arte. É o espelho do estado social, o que revê todos, até os mais imperceptiveis, traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento: a idea una da actualidade, no seu aspecto multiforme. — Pensamento, idea profunda sempre, que se inlaça com o invisivel pelas aspirações religiosas, com o eterno pelos fios da tra-

dição, dos costumes e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta: não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? a morte! Se a arte é imagem da criação! a vida? A vida sim, mas essa vida immensa, amplissima e mysteriosa, oomposta do que foi e do que é; vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se inriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de licções, de futuros; herança que passa em depósito das gerações que hoje se revolvem na terra ás que não viram ainda o fiat lux do verbo de Deus. A arte incerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pomo da vida ou o pomo da morte: é ja do que ha-de vir pela sua aspiração ethérea, está entre o mundo externo e o mundo invisivel. Gera-se da fe no que é sublime, na admiração do que é grandioso na sua belleza, vive pelo amor. O amor intrínseco, íntimo, indivisivel, que tirou da natureza o symbolo, que assentou aos uubraes do tumulo a esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra, para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte de consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na frente do que expira rompe o sêllo do nada, e com os olhos nas myriadas

de spectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sôbre a immobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a crítica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos: ja não representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do rosto, a ardi-deza e porte ingraçado do gladiador, que ella se fez; não é para se ficar imbellecada deante da formosura das fórmas e apuros das côres: mais se lhe requer; tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades. A fórmula sensual e terrena do pagão morreu no dia em que a primeira gotta de sangue do martyr se imbebeu nas areias do amphitheatro para consumir o sacrificio — que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano ontro paraizo intellectual, esperançoso e sancto, que este seculo, herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos, hade incarnar na poesia, e desinvolver até o completar na sua última e ainda desconhecida expressão.

Rasgou-se o veo do templo, e veio a regeneração da arte a par da regeneração do homem. Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espirital; poesia variada nas fórmas mas una na expressão intellectual; caminhando umas vezes da fe para o mundo, como o Dante, Milton, e Klopsck; atirando-se outras do mais agro da perigrinação aos braços da religião

a verter-lhe no seio uma lagryma ardente, que na procella dos affectos abrazados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito voa sôlto nas suas dores mais espiuhasas, a buscar o nardo, o balsamo que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma, — como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e profundo Chateaubriaud, no puro e mavioso Schiller.

So o bello, que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel, o invisivel do mundo superior e espiritual não se póde tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram ja: foge ao pincel, retrai-se da imagem o abstracto puro. Mas o fim da poesia é inlaçá-lo, travá-lo com a vida terrestre, nas suas aspirações e várias tendencias. O presente, que ao por si destroi as mais das vezes, pela aproximação, todo o ideal, fude-se no quadro, se o recuarmos com o esplendor vecejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos até um passado ricco e glorioso; se intertecermos o matiz de cores vivas, e cambiantes acertados, com as lendas e tradições, com o thesoiro poetico da nação, assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horisonte os vultos collossaes de grandes feitos e dos grandes nomes. A arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais poesia, affastada da imitação mediata e quasi sempre servil do

que palpamos com os dedos, do que o hábito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da cópia. — Em Ossian, no Niebelungen, nas tradições poeticas do norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte, filha da meditação allemã, nasceu o drama Fr. Luiz de Sousa. O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memórias saudosas, as glórias, o viver e sentir e crer do tempo offereceram-lhe o collorido magestoso, que realça n'esta sua obra, a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorasas temos ja da sua penna.

É o que veremos na anályse mais attenta e miuda que tentamos, receiosos comtudo de desfigurar a belleza e perfeição de uma criação dramatica, original na fórma e no pensamento, fundamental para a eschola de um theatro que devéras seja nosso, e não copiado sem pudor dos repertorios estrangeiros.

A historia tam sabida de Fr. Luiz de Sousa parecia, entre as nossas tradições, propria a resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei se despindo-a do singelo antigo, lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de M. Denis com o drama portuguez,

tica, a nosso ver, corrente ésta opinião de leve esboçada no prologo do Sr. Garrett. O assumpto, que á primeira vista se afigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma peça; a não o carregarem de côres posiças, de traços falsos, que necessariamente hãode desmentir a verdade, que é o seu maior defeito: o nosso Poeta, das intranhas do factó, tirou a sublime criação que liga e inriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal e a riqueza lyrica, depurados de matizes extranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfeiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N'aquella idade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos ja, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes, servem so de remendar com retalhos inviusados a tela da vida; de roubar á tragedia a formosura graciosa, a séria compostura, para lhe substituir as lentejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á fôrça de capiar as dobras variegadas do seu manto de histriões.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo theatro, se lhes mudam a natureza, ficam contrafeitos; sem poesia, sem verdade: e d'esses aleijões não se curam. Gallas de peralvilho, espartilho hygienico, que, em se desatacando, larga tudo a rir, por pouco inganam: ve-se logo

o estafermo torto e desinxabido que alli anda intalado; uma coisa parecida com a ressurreição truanesca: cada almofada, cada attacador a voar da mumia; e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de imprestimo!

Ora havia ter que ver e muito que rir, andados tantos annos de casamento, o serio Manuel de Sousa-Coutinho, tam reflectido, tam sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sos, dentro de um casarão neo-gothico, a declamar, em cantoxão de frades, sedições galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes! Deus o levaria em conta ao auctor, que o reino do ceo é dos pobres de espirito. Tinha ja o passaporte para lá.

O Sr. Garrett, com o seu gôsto apurado e alto ingenho, deu de mão a éstas molas inferrujadas, cançadas de todo, viu que a melancholia resignada, a unção religiosa, não sei que de suave e triste, que chega logo dentro a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto, d'aquella alma inteira que se não abalou com o furacão repentino do temporal; que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dor de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação quasi sôbre-humana com que se consumou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estalar

alli, as maiores angústias, os espantosos tractos moraes que a cada hora crescem e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no theatro, se a não precedesse um painel, aonde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre character; se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa-Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto infezado que levantára a copa ousadamente, e se vergava agora servil ao sôpro lisongeiro do Escurial; mostralo a pagar á sua custa a dívida honrada de um reino inteiro, com a maior licção que nunca um homem so dera a unia terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros, e a estrangeirados ainda piores cem vezes; pô-lo deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o célebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, estendia a mão para acceitar o preço da infamia porque vendêra Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palávas tam portuguezas, tam verdadeiras, no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retracto a arder; aquelles sustos e agouros tão propios de mulher que se teme, sem podêr dizer de quê; tudo fallado em dialogo singelo, natural, sem poesia de imprestimo nas palávas, sem as imagens alti-

sonantes que se apparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento e do fundo do drama; tudo isto prôva que o auctor, e ja o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano, das contradicções perennes dos affectos: — é vêr de mui alto as combinações mais sublimes da arte, incarná-las na natureza, olhá-las á luz da epocha, e correr-lhe um pincel facil, delicado e gracioso como o do Corregio, que deita, a fugir, os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. É possuir, até nos relevos mienos apparentes, nos que se aventuram com felicidade grandes ingenhós, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros imbelezados de correcção miope, que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraçadissima batalha de Alcacer-Kebir, em que os areaes d' Africa beberam o sangue da flor da nossa nobreza, cahiu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que sua espôsa arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros que se disfarçaram por não acrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islâm cortára, com o cedro real, um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duello entre duas crenças, — entré a velha Europa e a suberba Africa! — O cadaver de D. João lá ficára a par do rei, como pinhór

da victoria, exposto ao sol abrazado dos sertões. Pelo menos todos o accreditaram; ja não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa-Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, so então, se revelou: casaram, e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes invenenou as alegrias d'este viver tam innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo, como é, um lance essencialmente tragico, não basta so per si para dar um drama: intertecer-lhe labores extranhos, correr-lhe tres passes de espada preta, especie de imbrocata ou punto-riverso, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatral cortam as difficuldades, deitar-lhe por cima uns iaredinhos á Lope da Vega, era estragar o assumpto e crear uma pessima obra. O Sr. Garrett apartou-se sem cerimonia dos sansculotes do romantico tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo tem promptas as suas dózes homeopathicas: voltou-se para a simplicidade da tragedia grega. Sem beaterio, e com as situações moraes, com os sanctos affectos, com a virtude singella, e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho. — O terror e a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ar, de uma côr, de um natural tam portuguez, tam verdadeiro e tam do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor nem um

lançar de olhos, se percebia. A tragedia moderna, á vista do seu Fr. Luiz de Sousa, ja ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Schlegel, Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, ja tinham demonstrado que se podia fazer: mas, e não se extranhe á conta de vangloria o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a, e soube transplantá-la. Os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glórias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retratto mais fiel do sentido da arte antiga do que a cópia mais ou menos livre do seu theatro na parte plastica. Foi por isso que, tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, criada entre tanta meiguice, e tam estremecida de ambos, suppriu, com o interêsse d'esta situação sublime, a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado ja no theatro grego! Desde que ha mundo, ha amor de pae; mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desapperta, é o mais perfeito, mais original, mais profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Quella filha, pura rosa virginal ainda em botão, traz ja no seio a morte: vai murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae; e não o percebe

a innocente: a febre devorá-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adianta um passo tremendo para o tumulo. Aos treze annos, em que a vida se desata tam florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros doirados, ella vê a campa a vacillar erguida, ao despedir da estação das flôres; mais esta flor irá dormir com as outras no frio berço da morte. E todavia nem o suspeita: como acontece na phtysica tem uma fé viva de que não padece, adivinha coisas que espantam na sua idade, sóta uma ligeira ironia de criança, um riso que despedaça, um talento, um acêrto, uma agudeza que é como o último lampejar da alampada quasi extinta. N'este character tam novo e difficil, o Sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradicção que pungê, que dilacera: a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o seipichro que a chama. — O contraste é mais lyrico, mais melancholico, e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque ja antevê a morte.

E sôbre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá, a realidade, que se levanta entre elles para os arremessar do meio da existencia amena que levavam, para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia que a sociedade vai pôr na frente candida da filha dos seus amores! São as scenas mais tragicas que conhecemos, as do III acto do Sr. Garrett, em que o pae tam

estremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cahir da última folha do lyrio, e a hora em que tem de se consummar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella lucta cruellissima, que remata na capella com o último suspiro do anjo que voou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais íntima do que as últimas palavras que fecham o drama, sahidas da alma deante do cadaver da filha e apê da triste mãe! Todo este acto é o maior esfôrço dramatico de que temos noticia. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo-Paes com o Perigrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu espôso; a fôrça de ânimo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez saem tam perfeitas da mesma mão. A última scena que resume o drama, que o moraliza, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se so uma vez.

L. A. Rebello-da-Silva.

INDICE.

PROLOGO dos editores.....	v.
AO CONSERVATORIO REAL (memoria).....	3.
FR. LUIZ DE SOUSA, drama.....	23.
NOTAS.....	159.
Á memoria.....	159.
Ao drama, I. acto.....	177.
Ao drama, II. acto.....	202.
Ao drama, III. acto.....	212.
APPENDICE, Juizo crítico.....	219.







